

Nova Era

1ª Parte - Repensando Valores

Teoria e Prática

I

Tanto se discute em ética
como devemos fazer;
se assim sim, se assim não.
Livros e livros escreveu-se sobre ela.
Mas o que falta!!!?
É a ação.
Teorias em livros,
são ações que não nasceram,
lá grafadas estão mortas.
Realmente o que importa é faze-las
viver...

III

Apologia sobre o amor
são palavras quase mortas,
de tão fracas fenecem,
sem vida, abortam.

IV

A teoria passa ser vida
quando colocamos nos atos.
A palavra convence, !!!
mas o exemplo arrasta.

Finalmente as férias tão esperadas já se apresentam como reais. Sávio não conseguia dominar a ansiedade que aumentava a cada minuto que faltava para o fim do expediente.

Henrique, o colega de seção, percebendo o nervosismo do companheiro partiu para a brincadeira comentando:

- O relógio registra as 20:00 horas, mas não as 18:00. Os minutos não passam, parecem demorar um século.

Henrique esperou o comentário de Sávio que não se fez esperar:

- É companheiro! Com a labuta na seção de cadastro, faltando funcionários, somos ambos forçados a nos desdobrar para dar conta do serviço, me sinto bastante esgotado. Por isso estou tão ansioso, para gozar as férias. Não vejo a hora de estar na Bahia, curtindo uma praia e tomando água de côco. Mas estes minutos estão parados. Acho que o relógio está com defeito!

Finalmente, o ponto eletrônico marcou as 18:00 horas, liberando assim, os funcionários, após os mesmos registrarem com seus crachás com bandas magnéticas as suas saídas.

Sávio despede-se de seus companheiros, liga o carro, ajeita o cinto de segurança. Observa o trânsito. E na primeira oportunidade entra com os demais motoristas na imensa fila indiana. Sinal vermelho, amarelo e verde vão se sucedendo a cada 300 metros tornando o tráfego uma prova de paciência.

- Graças a Deus, estou em casa! – exclama Sávio. Ele abre a porta e após fechá-la suspira com alívio; “Estou de férias!! Trabalho só daqui a um mês! Bahia, aqui vou eu!”.

Correndo para o quarto examina as malas em cima da cama, já prontas com muita antecedência. Com um sorriso no canto dos lábios, examina o “Volger”, conferindo o dia de partida, a hora do embarque e o número do voo. A viagem estava para acontecer no dia seguinte. Sávio toma um banho, engole qualquer coisa, e a seguir se senta em frente à TV e assiste ao jornal de notícias de sua preferência. Logo após interessa-se por um filme e o assiste até o fim, indo em seguida para a cama. Tenta dormir, mas devido a ansiedade demora a conciliar o sono.

As 6:00 da manhã acorda num repente despertado pelo rádio - relógio sintonizado em um programa musical sertanejo.

Desligando o alarme, ele confere mais uma vez as horas. Dispara em desabalada carreira para o banho. Com poucos minutos, já vestido toma chá com algumas torradas na cozinha. Apanha o celular e disca para um táxi. Vinte minutos depois acomodado no banco traseiro do veículo de aluguel, Sávio vai sonhando com as diversões que irá desfrutar. Chegando ao aeroporto localiza o guia da agência de turismo que providencia o embarque de suas bagagens.

Sentado na sala de espera do aeroporto observa o vai e vem dos funcionários das companhias aéreas abastecendo as gigantescas aeronaves de combustível e colocando as bagagens no ventre das formosas aves de metal.

Após quarenta minutos de espera ansiosa, ouve a voz profissional e competente anunciando aos passageiros o voo 8130, que era o de Sávio, convidando-os a se dirigirem ao portão B2 para o embarque. Em poucos minutos Sávio caminha emocionado em direção a aeronave, esperando majestosamente a acomodação dos passageiros, com as turbinas em funcionamento. Localizando sua poltrona senta-se e olha através da janela com lágrimas nos olhos, dirigindo sua atenção para o céu.

A emoção aumenta e não acredita que poderá voar acima daquelas nuvens brancas.

O jato, taxiando lentamente pela pista, toma a posição adequada. Sávio percebe o esforço das turbinas em aceleração máxima para arrancar a nave do solo. A ave gigante vai ganhando velocidade. Sávio sente a força da aceleração forçando seu corpo contra a poltrona. Um forte baque, curioso olha a pista que se faz distante. “Estou voando, estou voando” fala em surdina consigo mesmo. “Estou voando!”

Breve está acima das nuvens. Recuperado da emoção da decolagem, pois é a primeira vez que voa, observa os passageiros com mais atenção. Mas o que mais o admira são as nuvens brancas. Brancas como nunca havia visto igual. Lá embaixo as estradas e rios parecendo linhas de um carretel espalhadas caprichosamente pelo solo. Mais acima o espaço, constituído de um azul puro e profundo.

Comissárias de bordo solícitas oferecem refeições e bebidas alcoólicas aos passageiros.

Sávio observa no corredor um senhor de características pouco comuns vindo em sua direção. Admirado, percebe que outros companheiros de viagem não registram a presença desta pessoa sui generis. Ele passa, sorri e se acomoda em uma poltrona lá atrás no final do corredor.

- Cada doido com a sua mania – comenta Sávio consigo mesmo. A admiração foi devido aos trajes deste passageiro.

Ele estava vestido como grego, lembrando um filósofo da antiga Grécia.

Olhando através da janela, Sávio esqueceu-se aos poucos do personagem, distraído-se com as formas caprichosas das nuvens.

Repentinamente, um dos motores do jato emitiu um ruído estranho. Sávio assustado olhou para a turbina e pode verificar que uma pequena chama azul começava a avolumar-se. Sobressaltado, dirigiu a atenção para alguns passageiros e notou o olhar de pânico nos mesmos. Ninguém emitiu um único som ou fez qualquer movimento em seus assentos. Parecia que estavam colados nas poltronas. Na realidade, temiam confirmar com o outro o que estavam temendo: um acidente aéreo.

O avião começou a jogar de um lado para o outro. Os passageiros gritam. A voz da comissária de bordo se fez clara, pedindo aos passageiros calma e que apertassem os cintos até acabar a turbulência. O pedido foi acatado e uma aparente calma se fez a bordo. Instantes depois a aeronave inclinou-se para a esquerda, perdendo altitude. Os passageiros entraram em pânico. Uns rezavam em voz alta, pedindo proteção aos santos. Outros chorando histéricos gritavam por socorro. Os que não estavam gritando permaneciam mudos, paralisados pelo medo, não conseguindo esboçar qualquer reação.

Sávio permaneceu calmo. Parecia que estava preparado para aquele momento crítico.

Em meio a balbúrdia olhou serenamente para a última fileira de poltronas e deparou com o estranho personagem que parecia meditar de olhos cerrados. Neste momento o estranho abriu os olhos e dirigiu a atenção a Sávio. Sorriu de uma forma paternal e novamente entrou em meditação.

A partir deste instante Sávio não se lembrou de mais nada.

Muita fumaça e pequenos fogos de incêndios isolados ainda persistiam. A aeronave com o logotipo da empresa aérea já não mais existia.

Os destroços estavam espalhados por várias centenas de metros, atestando a violência do impacto. O jato ao perder o controle, teve sua queda vertical de encontro ao solo interceptada pela perícia do comandante do aparelho e seu co-piloto.

Depois de um esforço sobre-humano, conseguiram que o avião planasse algumas centenas de metros derrubando árvores até que perdeu a asa esquerda e a cauda.

Ficou parcialmente intacta a cabina de comando e um terço do ventre da aeronave. Com o combustível espalhado a explosão não se fez esperar. O fogo consumiu o restante daquela ave tão maltratada.

Sávio, ao retomar a consciência, constatou que ainda estava atado a poltrona pelo cinto de segurança. Após se ver livre fez uma rápida avaliação da situação. Observou admirado de não ter nenhum arranhão. Sentia-se muito bem. Seu corpo estava muito leve e envolvido por um grande bem-estar. Repentinamente surgiu do seu lado a estranha personagem vestida a moda grega antiga.

Sávio não ficou assustado. Pelo contrário, sentia um estado de paz e harmonia que não combinava com o ambiente trágico em sua volta.

O personagem aproximou-se, pegou-o pela destra e colocou-a em seu coração.

Naquele instante passou a conhecer o estranho homem. Não soube explicar o fenômeno. Por uma linguagem muda ficou sabendo que aquela pessoa chamava-se Polus Trasímaco Predicus, antigo conhecido de Sávio. Afirmava que em momento oportuno contaria sua história. Aquele momento

pedia que ambos procurassem ajudar aos companheiros acidentados. Não dominando a grande curiosidade e surpresa que sentia perguntou a Polus:

- Como pode, sairmos sem um ferimento de um acidente tão brutal como este?

Predicus olhou para Sávio com muita ternura e disse:

- Meu amado amigo! Tenha calma por agora, domine a sua curiosidade, sua ansiedade, o momento não comporta perguntas e respostas. Temos muito o que fazer.

Polus afastou-se um pouco mais de Sávio. Concentrou-se durante alguns minutos parecendo estar orando em silêncio.

Pouco a pouco um pequeno ponto luminoso se fez visível entre ele e Sávio. A luminosidade, pequena a princípio, se fez mais forte tornando um foco das dimensões de um ser humano. Espantado, Sávio viu aquela luz se transformar em uma linda mulher. Era tão bela, tão meiga que por pouco não caiu de joelhos diante desta aparição.

Percebendo a admiração de Sávio, tomou rapidamente a atitude de desfazer aquela adoração.

Sorrindo, olhou bem no fundo dos olhos de Sávio, dizendo:

- Eu sou Dione Herpilis Kireane. Sei que estás confuso com tantos acontecimentos, mas paciência. Você terá oportunidade de tudo saber. Satisfará sua curiosidade, aguarde um pouco mais. Como havia lhe prometido estou aqui para recebe-lo e conduzi-lo nesta vida.

Sávio estava estático sem conseguir esboçar qualquer reação. De uma coisa estava certo: amava profundamente aquele anjo. Tinha certeza, pois o coração lhe dizia.

Estava muitíssimo emocionado. O contato com Dione fez lembrar de uma tarde, no intervalo do café da empresa, em que ele escrevera alguns versos e naquele instante, teve a certeza de que os havia escrito para Dione:

Apenas um sorriso foi suficiente
para algemar-me ao seu coração.
Foi um laço eficiente, fiquei extático
e incompetente, alheio ao mundo em minha volta
apenas preso por um sorriso seu.

Seria capaz de escapar de cadeias.
Sair de amarras complicadas.
Ser um Roldini de fugas espetaculares.
Vencer abismos, montanhas e mares.
Mas não seria capaz de resistir
a um sorriso seu.

Sávio foi despertado de seu êxtase. Dione sussurrara em seus ouvidos: - Vamos, vamos, há pessoas em sofrimento. Deixemos nossos interesses de lado, vamos ajudar a quem precisa.

Desperto, tomando consciência da extensão do acidente, começou a deparar com a real situação. Começou a ouvir gritos angustiados de socorro. Pessoas queimadas em prantos. Alguns não apresentavam sinais de vida. Polus e Dione estavam envolvidos em plena tarefa de socorro. Somente agora Sávio percebeu que no local havia muitas pessoas ajudando os acidentados. Não se ouvia entre os socorristas qualquer palavra falada. Agiam rápidos e eficientes na tarefa de estancar as dores.

Em pouco tempo todos estavam acomodados dentro de um imenso veículo que estava estacionado em uma clareira próxima. Um leve zumbido e Sávio sentiu que o aparelho estava vencendo a gravidade indo em direção as nuvens.

Instantes após ,a imensa nave pousava em uma praia deserta. Todos os feridos foram levados até próximo a água. O imenso oceano funcionava como um gigantesco acumulador, armazenando em suas águas muitas energias vindas do cosmo, muitas delas captadas do Sol.

Aquelas criaturas debilitadas pelo acidente recarregavam-se de energias provenientes do mar. Após uma hora sendo submetidos a esta terapia, foram novamente acomodados no ventre da imensa nave que tomou a direção do espaço.

Sávio não soube se orientar. Estavam indo em direção ao espaço ou para algum local aqui mesmo na Terra?!?

Outra dúvida pairava em seus pensamentos. Após a queda do avião pôde constatar não ter visto nenhum passageiro morto. Como poderia ser, com tamanho impacto do jato, que se desintegrara contra o solo, e alguém sobreviver?!? “Será que estamos todos mortos e não nos apercebemos do ocorrido?!?”

Dione, percebendo as dúvidas nas quais Sávio estava envolvido, chegou junto a ele e desviou o rumo de seus pensamentos para outro tema.

Dione não clareou as dúvidas de Sávio. Por experiência sabia que aquele momento era inadequado para tal tarefa.

- Sávio – disse ela – Siga-me, por favor. Vou mostrar-lhe algo que realmente lhe causará espanto.

Sávio admirado segue Dione. Tudo que vem acontecendo nestas últimas horas são de fatos ocorrências extraordinárias.

Ao chegarem a uma divisória, Dione acionou um mecanismo que se revelou uma janela translúcida pela qual se via o que ocorria no exterior daquele veículo. Qual foi a sua surpresa ao verificar que o planeta Terra estava bem distante. O planeta azul se emoldurava ao longe no vácuo negro, imponente, calmo e belo.

- Dione, estamos no espaço e aquela é a Terra?

- Sim, Sávio, estamos no espaço rumo a Sophia e aquela é a Terra que vai ficar cada vez mais distante. Observe aquela estrela situada na Constelação do Cocheiro, nos a chamamos de Capela. Outros preferem chamá-la como Calira. Está situada a 42 anos-luz da Terra. Em outra oportunidade falaremos mais sobre ela. Veja como o cosmo é realmente lindo e gigantesco. Lembro-me neste instante de uma belíssima aula sobre o universo na qual nosso instrutor no final de seu trabalho nos contemplou com os seguintes versos que não esqueci jamais. Preste atenção, Sávio!

Saudades

Nos confins do universo visível,
na galáxia da Ursa Maior II,
a 380 megaparsecs de distância,
lá foi a gênese de nossa evolução.

Somos filhos de forças descomunais.
Gerados em berços gravitacionais,
onde a luz foi a parideira,
dando vida a todos nós.

Fomos lapidados por campos
de ciclópicas forças.
Forjados a golpes de plasmas
e ondas curtas em velocidades
absurdas.

Após tal feito, ainda com muitos defeitos,
fomos semeados em todos os cantos do
cosmos, para povoar e crescer.

Aportamos no sistema de uma estrela
amarela.
Habitamos o terceiro planeta azul claro e belo,
possuidor de um satélite de luz cor de prata.

Hoje o espaço contemplamos extasiados e
nostálgicos.
Pois fomos seres gerados nos ninhos estelares,
lá naquele cantinho de cosmos.

Sávio indagou a Dione se aquelas galáxias ofereciam em alguma parte condições para a vida inteligente.

- Mas claro que sim, Sávio – respondeu Dione – Tanta beleza só para extasiar nossos olhos?! Toda criação tem sua finalidade. Lá existem mundos com criaturas que atingiram a harmonia. Em outros podemos encontrar moradas primitivas. Na verdade nossos olhos são sensibilizados a registrar uma pequena parte do que na realidade é composto o universo. Existem vidas estruturadas em dimensões que nossa sensibilidade não registraria. Mas estão lá. O espaço que percorremos e que conseguimos abarcar com nossos sentidos, não é vazio, está preenchido por ondas curtas, super curtas, ultra curtas, que aparelhos hoje na Terra não conseguiriam remotamente registrar. Um detalhe curioso: o que chamamos de vácuo ou espaço cósmico não é vazio. Existem muitos tipos de estruturas atômicas dispersas nele. Lá encontramos os neutrinos em tal quantidade que se pudéssemos mensura-los, dizem os estudiosos do assunto que existem mais neutrinos no universo do que toda a matéria visível. Ou seja: existe mais o invisível do que matéria visível.

Dione interrompeu o assunto convidando Sávio a se preparar para a chegada ao destino previsto, orientando-o como se comportar.

Sem que se pudesse perceber alteração de som ou movimento, a nave pousou. Sávio foi convidado por Dione a sair do veículo. Por todos os lados, trabalhadores prestativos desdobravam-se para recepcionar e conduzir os acidentados para os alojamentos condizentes a cada caso. Alguns recém-chegados com distúrbios mais graves foram conduzidos para um prédio estruturado em substância parecida com vidro. Outros foram levados a alojamentos coletivos por apresentarem condições satisfatórias de lucidez.

Somente Sávio foi conduzido por Dione para outra direção. As surpresas foram se sucedendo pelo caminho. Alamedas com árvores muito frondosas e floridas eram um espetáculo digno de nota. Parques, bosques bem cuidados que extasiariam o mais insensível dos homens.

Vencendo uma elevação de terreno descortina-se diante de Sávio e Dione muito formosa e arborizada.

Dione sorrindo com o espanto de Sávio apresenta a cidade:

- Eis Sophia, aí está o nosso lar. Daqui a pouco estaremos em casa.

Tomando a mão de Sávio desceram a pequena elevação rumo a Sophia. Dione dizia, esclarecendo:

- Tudo nesta cidade lembra a Grécia antiga. Os seus moradores têm laços profundos com os ensinamentos dos grandes pensadores gregos. Por estes motivos transferiram este amor e afinidade para as construções que você está vendo. São edifícios baseados na arquitetura grega. Não se espante de encontrar grande parte de seus moradores trajando à moda da época.

Caminhando por um parque, Sávio apreciava o trabalho artístico de jardineiros divinos para compor os canteiros floridos. A profusão de flores e cores se sucediam. Notou o perfume delicioso de cada espécie. A textura das mesmas parecendo estruturadas em luz. Em vários pontos caramanchões de flores com pequenos bancos translúcidos parecidos feitos de cristal, criavam uma atmosfera de aconchego, convidando a quem passasse por ali a meditar e orar agradecendo ao Criador do universo por tantas belezas. Por várias vezes cruzaram com habitantes de Sophia. Parecia que todos se conheciam, pois se olhavam com tamanha ternura, harmonia, fraternidade e respeito, que Sávio imediatamente percebeu ser envolvido por energias reconfortantes.

Sávio por várias vezes viu-se envolvido por aquelas energias vindas dos habitantes que cruzavam pelo caminho. E algo mais estranho vinha após estas manifestações de carinho, uma intensa necessidade de meditação.

Sávio de outras vezes evitou conscientemente partir para a meditação, mas agora daria vazão ao pensamento. Em sua mente foi surgindo de forma fácil e clara o desenvolvimento do tema sobre a interação humana.

Tocamo-nos uns aos outros
para sentirmos que estamos juntos
e para sentir o outro.
Tocamo-nos por solidariedade, por afinidade,
para agredir, espancar, matar ou ferir.
Tocamos para levantar quem tropeçou pela vida
Para expulsar a quem não queremos dar
guarida, até para pensar feridas.
Tocamos para acalmar, pacificar, abençoar
e consolar a que desesperado esta em
prantos.
Questionamos:
Como nos tocamos?
Criamos aversões, repulsa, ou nos
procuram com ânsias para serem tocados de novo ??
Questionamos:
Como tocamos o outro ??

Sávio estava espantado com a facilidade para coordenar seus pensamentos. Olhou para Dione pedindo uma explicação. Percebendo toda a admiração que era visível no rosto de Sávio, depois de um leve sorriso satisfez a indagação do companheiro.

- Em Sophia este fenômeno é comum. Existe no universo um tipo de onda que tem a particularidade de armazenar tudo o que pensamos. Quando elegemos um tema, imediatamente nos ligamos com estas ondas armazenadoras, sintonizando exatamente no tipo de tema que se acha “arquivado”. Por este motivo a facilidade no pensar e desenvolver um assunto. Desta forma estamos contribuindo para o enriquecimento do arquivo com a nossa maneira toda particular de pensar e recebemos por nossa vez os pensamentos, as meditações e estudos sobre o tema em que outros já pensaram e meditaram. A própria atmosfera espiritual constante em Sophia aumenta a potencialidade do fenômeno. Sendo desta forma um arquivo em que todos nós podemos ter acesso a qualquer instante.

Outro fato chamou a atenção de Sávio. Uma fonte de água cristalinas, tão transparente e límpida, que era difícil de acreditar no que se via. O líquido emitia vários tipos de reflexos de cores mais claras.

Dione convidou Sávio a beber daquela água. Encantado Sávio experimentou do líquido, sentindo-se a partir daquele instante revigorado com energias e disposição para qualquer tarefa. Dione explicou que praticamente a maioria dos habitantes de Sophia não ingeriam alimento sólido. Usavam somente aquele líquido como alimento, pois ele supria com eficiência as necessidades energéticas de que o corpo naquelas paragens necessitava.

Pouco tempo depois tomaram um caminho de pedras que pareciam ser feitas de mármore e granito bem polidos. Reverberavam luzes refletidas provenientes do sol. Eram milhares de pequenas fontes de luzes piscando para Sávio e Dione. Este caminho era contornado por uma relva parecida com a grama, mas tinha uma aparência mais delicada e translúcida.

Várias espécies de flores foram plantadas delineando este caminho, e em seu final entre várias árvores floridas uma construção com a aparência de um templo grego.

Dione tomou a frente de Sávio e o conduziu para dentro do pequeno e aconchegante edifício.

- Sávio – diz ela – Esta é a nossa casa! A aparência externa é de um templo grego, mas na realidade é uma moradia.

O mobiliário simples porém funcional encantava pela singeleza. Ao visitar todas as dependências da casa, a atenção de Sávio foi atraída para a biblioteca. Livros, muitos livros. A maior parte dos assuntos tratava sobre filosofia. Dione seria uma filósofa?!? Os livros que estavam em sua frente denunciavam esta conclusão.

Dione, captando os pensamentos de Sávio esclareceu solícita:

- Todos os habitantes de Sophia estão ligados a filosofia. Podemos deduzir então que todos os moradores são filósofos, inclusive você, Sávio. Suas experiências passadas, suas atitudes, revelam um filósofo nato. Por este motivo que você através de eleição natural está em Sophia.

- Mas, Dione, eu não sabia ter tanta afinidade pelo tema!!!

- Sávio, tenho conhecimento do que afirmo sobre você. Terá a comprovação do que lhe digo.

- Dione, vejo na biblioteca o “Livro dos Espíritos”. Não é a obra de Allan Kardec?

- Não vejo motivo para tanta surpresa. Esta obra é bem conhecida de todos em Sophia. É o embasamento filosófico de toda estrutura do Espiritismo. É obra de imenso valor. Consideramos o seu organizador um grande mestre. Uns dos grandes pensadores da humanidade. Para que você tenha uma idéia aproximada da importância da obra, a filosofia chegou aos lares mais simples. Saiu das escolas fechadas, de grupos estanques, e dessa forma chegou para toda a humanidade. Fazemos parte

de equipes para divulgar o estudo da obra. E vou lhe revelar mais; consideramos mestre Kardec como um grande filósofo. E o maior de todos os filósofos, que reuniu a teoria com a vivência, a prática no dia-a-dia foi sem dúvida o Grande Mestre e modelo para a humanidade: Jesus. Grande parte dos acadêmicos da Terra não reconhecem os ensinamentos de Jesus como filosóficos. Argumentam que estes ensinamentos se enquadram dentro do que rotulam como “revelação”. Interessante se verificarmos a filosofia de Sócrates, pois que parte dela vinha de seu contato com o oráculo de Delfos. Portanto uma revelação. Este comentário que faço é para que você observe que há nos círculos acadêmicos da Terra muito preconceito. Por agora, Sávio, deixemos a filosofia. Vá cuidar um pouco de si. Troque de roupa, e depois iremos reparar nossas energias.

Sávio dirigiu-se ao aposento indicado, onde encontrou todo o necessário para sua higiene. Nada se diferenciava do que estava acostumado em sua casa.

Outro pensamento veio à tona: “Será que os companheiros de trabalho sabiam do acidente?!?” Repentinamente se viu transferido para o ambiente de trabalho.

Henrique, o companheiro de seção, estava cabisbaixo e meditativo. Sávio conseguiu registrar os pensamentos do companheiro: “Coitado do Sávio! Desde pequeno órfão. Sem conhecer os pais ou outros familiares. Foi adotado por um casal de velhos que o criou até os 16 anos, mas um acidente com estas bondosas pessoas deixaram-no novamente só. Desde a adolescência lutou com muita garra para sobreviver. A casa dos pais adotivos foi sua salvação, se não tivesse um teto para se abrigar possivelmente teria passado por apertos maiores. Lembro-me quando chegou para trabalhar aqui no cadastro. Dento de pouco tempo estávamos nos relacionando como velhos conhecidos. E agora este acidente! Os jornais narram que pouca coisa sobrou do avião. Mas dos corpos nada foi encontrado. O fogo incinerou todos eles...”

Sávio foi acometido de um baque muito forte e começou a chorar.

Imediatamente se viu em Sophia, nos seus aposentos e em prantos. Dione surgiu ao seu lado. Abraçou-o com carinho. Acariciou seus cabelos. Pouco a pouco foi-se acalmando, e um sono forte e reparador veio aos poucos chegando. Ouvia a voz de Dione cantando baixinho uma canção de ninar. Sentiu que estava recebendo energias calmantes. Nada mais lembrou.

Quando acordou não soube com precisão o tempo que havia dormido. Teria sido um dia, dois ou quem sabe uma semana. Dione informou-lhe que havia dormido por um período aproximado de 15 dias.

Esta ausência de consciência era importante para a adaptação ao novo ambiente. Durante 30 dias ainda estaria em processo de ambientação em Sophia. Neste período receberia visitas de pessoas experientes no processo de adaptação ao novo ambiente.

Deles receberia orientações, estudos e terapias conforme suas necessidades.

A noite Dione havia se ausentado, pois tinha um importante trabalho a fazer junto com estudiosos de Ética.

Sentado sobre a relva debaixo de uma árvore que exalava delicado perfume, Sávio contemplava a lua e as estrelas. O satélite cor de prata parecia estar bem próximo de Sophia, pois o tamanho do mesmo era cinco vezes maior do que o visto da Terra.

As estrelas cintilavam firmes e grandiosas, ocupando toda a extensão visual do céu.

Neste momento sua atenção foi desviada para uma figura imponente e bela que vinha caminhando em sua direção. Não soube dominar suas atitudes por mais que se esforçasse.

Correu de braços abertos em direção aquela pessoa, que por sua vez abriu os braços acolhendo Sávio em um amplexo generoso e fraterno. Era Polus Trasímaco Predicus.

- Não se envergonhe, Sávio, do abraço de pai para filho. Não é a primeira vez que acontece. Quando saía para buscar o pão do dia-a-dia ganhava seu abraço espontâneo de criança. Ao voltar lá estava você me esperando para mais um abraço. Enquanto você dormia no período de adaptação, vim visitá-lo por várias vezes. Neste momento sinto-me alegre por encontra-lo lúcido e por ter ganho um abraço afetuoso. Isto me emociona muito. Sávio, preciso muito conversar com você. Vamos nos sentar naquele banco.

Após se acomodarem, Polus tomou a iniciativa da conversa:

- Você estranhou minha presença no avião, não é mesmo? Estava naquele momento alimentando-lhe de paz, coragem e harmonia no momento do acidente. Você ficou inconsciente por um dia e meio após a queda do avião. Nesse intervalo, Dione e eu desfizemos os laços que seu corpo espiritual mantinha com o físico. Importante foi que tudo correu conforme o previsto, e que você está aqui conosco, lúcido e feliz.

Sávio tomando a palavra comentou:

- Dione havia me dito sobre o meu desencarne. Interessante que não fiquei tão chocado com o fato. Junto a ela creio que poderei passar por situações graves mantendo a serenidade.

- Sávio, devemos acima de tudo agradecer a Deus por tudo que temos. Por esta comunidade laboriosa, que é Sophia. Os amigos sinceros e prestativos. Pelo prazer que temos de estudar e procurar praticar as lições no dia-a-dia. Possuindo como modelo o mestre dos mestres: Jesus.

--Depois de uma pequena pausa, em que coordenava os fatos, Polus, direcionando os olhos lúcidos para Sávio, retomou a palavra:

- Sávio, como havia prometido, vou lhe contar alguns acontecimentos de minha vida e os motivos dos laços que nos prendem. Começarei por uma experiência que vivi a vários milênios atrás nas terras maravilhosas do Egito antigo. Considero o início de minha caminhada espiritual em que ficaram claros os caminhos que deveria seguir para atingir a harmonia. No templo de Tebas, criaturas rigorosamente escolhidas eram iniciadas nos conhecimentos secretos. Corria entre os escolhidos que no templo venerado, os sacerdotes guardavam em segredo um tesouro mais precioso que todas as preciosidades da terra. Teciam-se lendas de tais riquezas fantásticas. Falavam de jóias de matizes raras, multifacetadas que pareciam fontes constantes de emissão de todas as cores roubadas do arco-íris. Diziam mais; o templo era morada dos deuses, e entre eles haviam alguns tão terríveis que levaram a loucura ao mais equilibrado e valente dos homens que prematuramente desafiavam a vê-los. Os mestres não diziam aos seus pupilos se todas as coisas faladas eram verdadeiras. Limitavam-se a dizer que os discípulos mais adiantados teriam a oportunidade de comprovar a veracidade do que se falava. Nesta época eu era muito jovem e suportava com muita paciência e disciplina férrea os rituais e estudos iniciáticos para entrar no conhecimento dos segredos dos deuses. Enfim chegou o grande dia. Fizera jus a tal revelação. Agora poderia apreciar o grande tesouro de perto. Conversaria com os deuses, sem me tornar um louco. Observara admirado que todos os que haviam visto os deuses e apreciado as jóias magníficas passara a ser ponderados, equilibrados, maduros, harmoniosos e serenos. Onde outros desesperavam, este eram calmos, sábios, decididos e brandos. Que sortilégio poderia ter transformado tanto estes homens?! Seria a benção dos deuses, ou o mágico brilho da prata, ouro ou das jóias formosas?!? Após vários dias de jejum somente com parca ração de pão e água, finalmente me levaram para ver os tesouros. Fui introduzido em um cômodo acanhado. Entrei, espantado, e invadiu-me a decepção. Apenas paredes nuas. O teto escuro. O chão gelado, nada de deuses, nenhuma jóia, ou o brilho do lápis-azulis. Aos poucos acostumei-me com a parca luz bruxeleante. Curioso, mas ainda decepcionado, vi em um canto uma estátua de uma mulher grávida, pronta para dar a luz. O ventre intumescido foi-se abrindo, e de dentro do útero um ancião em

posição fetal olhou-me bondoso e disse com voz grave e pausada a seguinte frase que não esqueço mais: “Nascer, morrer, renascer ainda e progredir sem cessar, tal é a lei. Venha ajudar-me neste parto” convidou-me o velho sábio. E assim conheci o que é nascer de novo. Apreendi as implicações filosóficas da paligênese. A lei de causalidade, a vida após a vida, e o retorno ao físico depois do fenômeno da morte. Após aquelas lições, saí do recinto totalmente modificado, com ampla visão, mais ponderado, calmo, sereno, harmonioso e maduro. Ninguém me tiraria jamais aquele tesouro.

Após um pequeno intervalo, Polus voltou ao assunto:

- A maioria dos homens vivem como se a vida fosse apenas direcionada para interesses puramente materiais. O mundo dos homens, com esta forma de pensar, torna-se muito mesquinho. O relacionamento entre os seres que vivem desta forma passa a ser superficial e egoísta, do homem explorando o semelhante e a natureza. Vê em tudo lucro e exploração. A visão da ciência que é cartesiana, estanque, perde o referencial com o todo. Desta forma um plano econômico não contempla os efeitos nocivos e colaterais no objetivo do lucro rápido e fácil. Os homens estão pagando um preço muito caro por tal comportamento. Se estudarmos a violência na sociedade verificaremos que há dois pólos. De um lado o ser humano, do outro o objeto. Todo homem deve relacionar-se com o próximo como seres humanos que são. Se relacionar-se com o outro como se fosse um objeto, aí é o nascedouro da violência. A visão materialista leva a humanidade para a insensibilidade e o egoísmo. Quando o homem descobrir que a vida continua após a vida física a forma de relacionamento entre os seres será fraterna e harmoniosa. Descobrirá a lei de causa e efeito. Desta forma, observará que somos responsáveis ao nos relacionarmos com a natureza e com as outras pessoas. A nossa felicidade vai depender do que plantarmos. Pois aqui voltaremos para colher, através da reencarnação tudo aquilo que plantamos. Onde semeamos espinhos haveremos de retirá-los e em seu lugar cultivar semente de respeito, paz e harmonia. Sávio, comecei minha narrativa ao descobrir o tesouro proporcionado pela oportunidade do recomeçar, ou seja, reencarnar. Refazer as lições onde falhamos. Não há punição neste processo, mas oportunidade e reeducação dos seres. Teremos sempre oportunidade de testar o que consideramos valores, até que venhamos adquirir “tesouros que a traça e ferrugem não consomem, e o ladrão não possa roubar”, ou seja, tesouros do espírito. Voltando o tema sob a ótica de um materialista, certa vez, em visita a um grupo de estudantes espiritistas na terra, um dos seus membros intuído sobre o tema referente ao materialismo grafou as seguintes palavras que reproduzo na íntegra, para que vejamos a visão materialista em relação a morte:

A lápide é removida devagarinho.
Vai rangendo sofrida,
provocando um som longo e doído,
devido ao atrito, com a base que a afirma e sustenta.
O que um homem vê no fundo,
traz-lhe asco e um impacto profundo,
pois lá esta inerte, hirto em decúbito,
um corpo pavoroso, um arremedo tétrico
do que foi um dia um homem .
Corpo disforme, inchado, exalando gases nauseabundos,
em meio a uma papa gosmenta

e fétida causando vômito e horror aos mais insensíveis dos homens.
Vermes necrófagos gordos e bem nutridos, indiferentes a tragédia que representam, devoram céleres e competentes aquela ceia nojenta.
O ar carregado e pesado, de tanta decomposição, obriga-o a sair apressado em busca de ares menos nefastos para aliviar o pulmões.
Meditando sensibilizado, lembrei-me do homem materialista, como sofre esta criatura!!
Só vê a vida fatalmente terminada em um túmulo.
Vejo-o contemplando o cadáver em decomposição, apavorado com aquela entropia pois vê que seu corpo servirá ao verme de repasto um dia.
Vejo na minha mente outra pessoa, esta com a visão diferente.
Vê o cadáver no túmulo apenas uma veste rota e suja, que teve sua serventia.
O ser eterno não está no soma, já se libertou através do “parto” feito pelo fenômeno da morte.
Está vivo, lindo e formoso, em outros campos do universo, tão ativo e dinâmico e mais vivo do que antes.

Polus silenciou, deixando um intervalo para meditação, esperou que Sávio tomasse a iniciativa para mais esclarecimentos.

- Realmente, percebe-se a nítida vantagem entre a concepção materialista e a visão da sobrevivência após a morte para condução da humanidade. – assim retornou ao assunto o meditativo Sávio – Polus, chego a conclusão de que a reencarnação constitui um processo de aperfeiçoamento da humanidade. Significa transformar experiências vividas em qualidades assimiladas. Portanto este aprendizado baseia-se na repetição das experiências, como quando aprendemos a escrever a máquina ou a tocar um instrumento musical. Até que finalmente conseguimos a espontaneidade, ou seja, o automatismo.

Polus confirmava com gestos de cabeça as conclusões que Sávio chegava.

Depois de um silêncio surgido espontaneamente entre eles, Trasímaco Predicus partiu para um novo assunto:

- Há muitos séculos atrás, precisamente em Atenas conheci uma jovem chamada Pítias. As nossas famílias se dedicavam ao comércio marítimo. Aprovavam nosso namoro. Em pouco tempo estávamos casados. Um ano depois Pítias ficou grávida. Esperávamos o primeiro filho com muita

emoção e desvelo. Após o nascimento, como era a tradição de nossas famílias, jubilosos reunimo-nos para sacrificar aos deuses uma oferenda em agradecimento a nossa criança linda e sadia. Por sugestão de Pítias, colocamos o nome de Apolidoro em nosso filho. Após a cerimônia no templo, caminhávamos para casa, quando um servo todo apressado veio ao nosso encontro trazendo más notícias. “Pítias está morrendo”. Febre alta, delírio, suores empapando toda a roupa, assim foi por vários dias o martírio da esposa amada, até que no quinto dia após o parto veio a falecer em meus braços. Estava com vinte e dois anos, com um filho e viúvo. Para esquecer a tragédia, envolvi-me totalmente com o comércio marítimo. Desde a idade de três anos passei a levar Apolidoro em minhas viagens. Um dia uma repentina tempestade colheu nosso navio. As ondas se fizeram cada vez maiores. Durante um pequeno vacilo de minha parte uma onda varreu o convés levando Apolidoro para as águas revoltas. Atordoado pelo acontecimento lancei-me as águas. Em vão, pois não encontrei meu filho. Já quase desfalecido e depois de ter bebido muita água, consegui segurar um destroço do navio. Quando voltei a mim estava em uma praia. Fui socorrido pelo habitantes do local. Ajudaram na procura de Apolidoro e de sobreviventes do naufrágio, mas nada encontraram. Várias vezes voltei ao local acompanhado de meus familiares e também dos de Pítias. Estendemos por vários meses a busca que se mostrou infrutífera. Passaram-se vinte anos. Não me envolvi em outro casamento. Apenas em minha mente três coisas tomaram vulto. A tristeza cada vez maior da ausência de Pítias e Apolidoro. O gosto pelo estudo da filosofia. E o trabalho no comércio marítimo. Um dia um dos tripulantes de meu navio chegou em desabalada carreira para me dar uma notícia. Conhecera no cais um rapaz que dissera ter sido adotado por uma família espartana. Após ter sofrido um naufrágio quando criança e que seu nome era Apolidoro. Realmente tudo se confirmava. Era Apolidoro, o rosto idêntico ao da mãe. Os olhos negros e sonhadores. O sorriso travesso de Pítias lá estava transferido para Apolidoro. Aos poucos fomos nos acostumando um ao outro. Os pais adotivos de meu filho o tratavam com extrema rudeza. Até que um dia saiu de casa sem destino e fez amizade com um tripulante do navio de seu pai verdadeiro. Sávio! Volto neste instante, desta recordação tão distante, para revelar que Apolidoro era você. E desde esta época transferi o gosto pela meditação e o estudo da filosofia para você. Embora nesta última experiência física você não estivesse envolvido diretamente com a filosofia, afirmo que em tempos recuados sempre se dedicou ao mundo de Sophia. E por várias oportunidades nos envolvemos por laços de amizade e carinho pelos séculos afora.

Sávio não conseguiu articular nenhuma palavra. Apenas emocionado, deu vazão ao pranto.

Polus abraçou aquela criatura querida e dirigiu a Deus uma oração de agradecimento por estar com ela.

Conversaram por mais um tempo, até que Polus despediu-se prometendo retornar o mais breve possível.

Sávio ainda ficou por mais alguns instantes naquele banco, coordenando todos os pensamentos que tivera naqueles dias. Um sono reconfortante e intenso foi chegando de mansinho, tomando conta de seus sentidos. Entrou para casa com passos trôpegos e dormiu feliz.

Pela manhã Sávio despertou com uma canção suave e sugestiva cantada por Dione que cuidava das flores no jardim.

Observava extasiado a beleza da jovem. Assemelhava-se a uma deusa da mitologia grega em visita aquele jardim. Nenhum pintor por mais talentoso que fosse não conseguiria mentalizar aquele momento. A voz maviosa e cristalina de Dione realçava a letra da canção.

Esta cena ficou fortemente gravada na mente de Sávio. Quando este era visitado pela tristeza e solidão, bastava lembrar-se daquela cena divina para que a paz e serenidade voltassem ao seu

coração. Relembrava constantemente da letra da canção que falava sobre o mundo de prova e expiações:

Cai a tarde em profusão de cores.
Vermelho vivo brilhante,
amarelo ouro e as cores do diamante,
azul profundo, festa, beleza e cor, nas pinceladas
seguras do Divino Pintor.
No o arco-íris a mistura harmoniosa
dos tons e nuances de cores,
matizes esplendorosas das regiões divinas
dá o toque final o artista transcendental.
As noites aveludadas, incrustadas de
faiscantes pedrarias,
reverberam em cores profusas,
num luar inacreditável de prata.
Extasiada contemplo embevecido,
como é grande o amor divino!!!
O amanhecer, outra orgia de cores!!!
Durante o dia novas surpresas, são
tantas.
Sons, trinados, perfumes, o farfalhar das árvores,
o marulho das águas refrescantes, rios, lagos
profundos, cheios de criaturas vibrantes.
Este ainda é um planeta de provas e expiações!!!
O que nos espera nos mundos felizes e
harmônicos?!!?

Terminada a canção, Dione aquietou-se meditando sobre o tema da música.
Sávio aproveitou o silêncio da companheira para aproximar-se dela. Dione cumprimentou-o com carinho:

- Como passou durante minha ausência?
- Muito bem, Dione. Ontem Polus fez-me uma visita e revelou que tivemos por várias vezes nossas vidas ligadas uma à outra.
- Em Sophia temos dois tipos de ligação entre as pessoas. O laço consangüíneo que muitas vezes permanece apenas por uma reencarnação. O outro é o laço que une pelo espírito. Este é eterno. São seres ligados profundamente através do carinho. O seu laço com Polus foi construído através do tempo pela afinidade e pelo amor fraterno.

A conversa entre ambos, a partir daquele instante, tomou a direção para fatos corriqueiros.
Depois que Dione satisfez a curiosidade natural de Sávio sobre vários assuntos, ela propôs uma experiência ao companheiro:

- Peço-lhe que mantenha a calma e não tenha medo. Confie em mim. Dê-me suas mãos e olhe fixamente em meus olhos.

Sávio obedeceu na íntegra a solicitação de Dione. Concentrou-se tanto que somente a companheira existia naquele momento.

- Sávio – dizia Dione – Mantenha a calma e desvie seus olhos para seus pés.

Qual foi a surpresa ao verificar que não estavam apoiados no chão. O gramado do jardim estava lá em baixo. Não teve medo pois confiava muito em Dione.

- Estamos flutuando!! – exclamou entusiasmado Sávio.

- Sim, estamos volitando – completou Dione – E agora, deseje aproximar-se daquelas árvores.

E lá se foram os dois como pássaros até o ponto desejado.

- Vamos de volta ao jardim – assim desejou Dione, e em poucos instantes estavam novamente sobre a relva.

- Dione, isso é inacreditável!!! Existe em você algum aparato tecnológico para fazer com que flutuemos?

- Não, Sávio, apenas o desejo de sairmos como um pássaro, já nos facilita a volição. O corpo em que estamos estruturados é bem leve sendo também um dos elementos facilitadores do fenômeno. Embora você não tenha visto habitantes de Sophia volitando, este fato é corriqueiro entre nós. Você mesmo recorrerá constantemente a esse meio de locomoção. Outro importante facilitador é o pensamento, precisamente no fator que chamaremos de equilíbrio mental. O maior flagelo psíquico da humanidade está na mente viciada na produção de pensamentos negativos. Um velho entrave para manutenção do equilíbrio do homem. Quase a totalidade da população mundial sofre desse mal. A falta de conhecimento dos mecanismos que regem a vida psíquica, a deficiência de ensinamentos que nos mostre a importância do pensamento em nossas vidas, e o desconhecimento do assunto se encarregam de desequilibrarem os homens. As ciências da terra tratam nos casos extremos de desequilíbrio, com métodos paliativos através de calmantes e soníferos. Trabalham no efeito e não na causa. Há dois mil anos temos à nossa disposição uma terapia excelente para tal anomalia. Ela foi trazida por Jesus, a “Evangelho-terapia”. É o roteiro seguro para equilibrar nossa vida mental, mesmo que venhamos a trazer desajustes de natureza profundas em nosso psiquismo, como também de ordem familiar ou social, este é o tratamento adequado. A humanidade não poderá queixar-se de estar desamparada. Os ensinamentos de Jesus estão para todos. O conhecimento é a prática dos ensinamentos do Mestre, é a própria Lei Natural revelada ao homem. Ela clareia o caminho nos proporcionando reajustar nosso campo mental. Reage como tônico para os golpes psíquicos e morais que recebemos e somos passíveis de receber a cada dia. Importante manter a paz, a calma e o otimismo, junto a pensamentos edificantes. Aqui mesmo em Sophia todo habitante assume o compromisso de não emitir pensamentos de natureza negativa. Você encontrará nos moradores vibrações de carinho, paz e harmonia. Revelam desta forma uma compreensão e confiança em Deus que nos criou.

- Dione, quando você se referiu a Deus, lembrei-me das concepções diferentes entre as várias religiões na Terra. Há variadas formas de interpretação como as pessoas entendem e se relacionam com Deus. Porque tamanhas diferenças??

- Vejo as diferenças no relacionar ou a concepção que as pessoas tem de Deus como uma questão de maturidade espiritual. Depende muito se estão verdes ou maduras, evolutivamente falando. Vou lhe dar vários exemplos. Imagine primeiramente vários adeptos de concepções religiosas ao se relacionarem com Deus. Vamos a elas:

Deus Todo-Poderoso,
fonte de todo poder,
devemo-te cega obediência,

como um vassalo presta a um rei.

Deus poderoso dos exércitos,
que entrega os inimigos aos fios de
nossas espadas,
dê morte dolorosa ao meu vizinho,
pois não é fiel ao dia de sábado.

Alá poderoso e misericordioso,
abençoe nossas armas para a “guerra santa”.
Enche-nos de coragem para a luta.
Vamos massacrar o infiel que não te escuta.

Deus nosso salvador,
me proteja com a saúde e a riqueza,
que eu vença meus inimigos nas contendadas
e tenha vida na sombra e água fresca

Meu Deus de muita valia,
prometo uma vela todo dia.
Cinco “pai nosso” três “Ave Maria”,
se eu ganhar na loteria.

Pai de amor e bondade,
que eu possa ser instrumento da
fraternidade.
Levar a paz e a caridade
para todos que necessitam de Ti.

Pai estou aqui.
Quero servir a humanidade
Curar as dores e inimizades,
plantar o amor e fraternidade
nos corações necessitados de Ti.

Sávio percebeu com muita clareza os exemplos demonstrados por Dione. O relacionamento do homem com o criador dependerá da lucidez espiritual que houver atingido, também da sua cultura, da concepção religiosa, do credo religioso com que tenha afinidade.

Dione, ao retomar a palavra, passou a outra direção o teor da conversa:

- Sávio, hoje termina seu período de adaptação a nova vida. Há muitos projetos traçados com os quais você tomará parte ativa. Amanhã bem cedinho, você freqüentará aulas sobre temas variados. Terá contato com idéias dos grandes pensadores da humanidade. Tenho certeza de que as novas experiências serão ricas para o seu aprimoramento espiritual.

Sávio não cabia em si de contentamento. Conviveria com novas pessoas. Idéias diferentes teriam acesso ao seu campo mental, prometendo colheita fértil no futuro...!

- Dione! Polus narrou fatos de nossa afinidade. Já fui seu filho por diversas vezes. Você afirmou, ao prestar-me socorro no local da queda do avião, estar me recebendo e que seria a pessoa a me conduzir nesta nova vida. Sinto que já nos conhecemos muito um ao outro. Não adianta esconder que tenho um carinho muito grande por você. Conte como nos conhecemos.

- Sávio! A lembrança voltará em sua memória a medida em que dilatar o seu tempo de permanência aqui na região espiritual. Não há problemas para você conhecer o nosso passado. Satisfarei a sua curiosidade. Até onde consigo me lembrar, nossas vidas foram atribuladas. O nosso relacionamento, embora não consiga rememorar exatamente, começou muito tempo atrás, antes do que vou lhe narrar:

“Conduzia eu para as pastagens altas as ovelhas, das quais minha família dependia para sobreviver”.

O dia estava ensolarado, mas um pouco frio. Era manhã. A neblina em formação serrada não permitia a visão das colinas, onde campos verdejantes de relvas macias e nutritivas estavam a espera do rebanho faminto. Os animais sabiam que para lá iriam, pois era a rotina através dos dias, meses e anos. Os mais afoitos corriam em disparada, exigindo atenção redobrada de Argos, o cão que me acompanhava no pastoreio. Fiel amigo e atento, corria atrás dos animais desgarrados até vê-los novamente junto com os demais. A vida naquelas paragens era muito pacata. Conhecia todos os meus vizinhos num raio de um dia de caminhada. Todas as manhãs passava com as ovelhas, junto ao altar dedicado a um deus desconhecido. Fora construído há muito tempo atrás. Ninguém sabia por quem, mas não ousavam derruba-lo. Muito menos eu, que tinha temor ao desconhecido. Imagine contrariar a um deus! Possivelmente esta divindade era a guardiã das pastagens que os animais usavam. E com todo o meu temor, levava uma oferenda todos os dias para aquele deus. Assim desta forma ele não se zangaria com o uso das pastagens. As oferendas eram muito simples: um punhado de grãos alimentícios, algumas flores que colhia pelo caminho, frutas, etc.

“As vezes quando nada possuía para ofertar, temerosa, parava e oferecia uma canção para o deus. Cantava rapidamente aos trancos, quase em um só fôlego, em seguida punha-me a correr. Certo dia ao estar cantando diante do altar, ouvi risadas discretas bem atrás de mim. Corada de vergonha e ofegante dirigi o olhar para o autor do deboche. Era um rapaz aparentando ter 18 anos, que me olhava curioso. Jamais o tinha visto. Ele se apresentou dizendo se chamar Telêmaco e estava morando com seu tio Anaximandro. Levava naquela tarde o rebanho do tio para as pastagens altas. Após a apresentação olhou-me fixamente nos olhos esperando que eu também me apresentasse. Estava tão encabulada, que fiquei completamente extática e muda diante do inesperado aparecimento de Telêmaco. Disparei em desabalada carreira seguida por meu cão e o rebanho.

“Bem a frente diminuí a marcha e olhei furtivamente para ver Telêmaco, que seguia atrás, usando a mesma trilha em que eu havia caminhado. Lá nas pastagens altas escolhi uma área onde a relva estava mais tenra e sentei-me debaixo de uma árvore. Olhava constantemente na direção onde o rapaz estava com o seu rebanho. Ele parou a uns duzentos metros de distância e assentou em uma grande pedra. Tirou em seguida uma flauta do embornal, e passou a tocar. Tocava de uma forma maravilhosa e bela que mais parecia a flauta mágica manejada por um deus.

“Telêmaco sabia que havia me impressionado. Constantemente parava de tocar e olhava para o meu lado com insistência. Mas devido a intensa timidez, eu ficava de cabeça baixa, mas olhando-o com o canto dos olhos.

“Nesse instante uma cena inusitada ocorreu. Argos rosnava insistentemente. Não dei muita importância a este fato, pois imaginava que era a presença de Telêmaco que aborrecia Argos. Repentinamente o animal dispara em carreira desabalada em direção a um ponto da campina. Heis

que um indivíduo estava saindo correndo detrás de um arbusto, seguido logo por um outro, que carregava uma ovelha roubada de meu rebanho. Imediatamente, Telêmaco foi atraído para o que estava ocorrendo, lançando-se em disparada ao encontro dos assaltantes. Em poucos minutos conseguiu, junto com Argos, dominar os malfeitores. Após uma dura reprimenda colocou os assaltantes para correr. Depois de tal feito, dirigiu-se a mim para ver se tudo estava bem”.

- Até agora não sei seu nome. Por favor, diga-me como se chama.

- Helena é meu nome - respondi tímida e corando toda. E saindo do meu mudismo arrisquei – Você é muito valente, como foi que conseguiu pôr para correr aqueles dois brutamontes?

- Helena! Desde criança que meu falecido pai me ensinou a arte do Pancrácio. Por este motivo consegui dominar os ladrões.

- Como perdeu seu pai, Telêmaco?

- Foi em uma guerra com Esparta que meu pai perdeu a vida. Os espartanos levaram minha mãe como prisioneira. Meu pai tentou liberta-la, mas na fuga os guerreiros inimigos mataram a ambos. Desta forma vim morar com meu tio Anaximandro por não ter com quem ficar.

“Pude então perceber lágrimas nos olhos de Telêmaco. Não sei como, perdi a timidez e levei as mãos até seu rosto, enxugando-lhe as lágrimas. Daí para um abraço e um beijo apaixonado não se fez esperar. Após a troca de carinhos já conversávamos como se fôssemos namorados de longa data.

“Felizes, descemos a colina trazendo os rebanhos. Ao passarmos junto ao altar do deus desconhecido agradecemos emocionados a ele, pois descobrimos que ele era o protetor dos enamorados. Se o era na realidade não o sabemos, mas o elegemos para isso. Não contamos a ninguém sobre nosso namoro. Passamos meses de carinho e muitas juras de amor. Certa manhã fria de inverno, uma notícia alarmante chegou até nós, os espartanos estavam invadindo a região”.

“Observei que os olhos de Telêmaco brilhavam de ódio. A morte de seus pais veio a tona. Pela tarde despediu-se de mim prometendo voltar brevemente. E nunca mais o vi nesta vida.”

Depois de um longo silêncio, Dione continuou:

- Sávio, Telêmaco era você.

Dione abraçou Sávio e ambos se uniram em um beijo longo e apaixonado. Nenhum dos dois, por um longo tempo, teve a coragem de quebrar aquela atmosfera de encantamento, longamente esperada.

A madrugada cedeu espaço total a claridade solar. A paisagem estava banhada pela luz que realçava os tons e os contornos dos objetos. Sávio acompanhado de Dione dirigia-se ao Liceu. Apolo esperava Sávio na entrada do educandário:

- Como vai, meu filho? Pronto para mais uma etapa do aprendizado?

Sávio, abraçando aquela pessoa querida, respondeu com alegria:

- Tudo para mim é novidade, estou parecendo a criança que pela primeira vez vai a escola. Estou me sentindo assim.

- Sávio, estou aqui para lhe desejar que tenha muito proveito de tudo que você terá oportunidade de aprender. Serão estudos maravilhosos, mas o mais importante, será a prática no dia-a-dia de todas as teorias que você conhecerá. Não adiantará conhecimento nenhum se não for aplicado no cotidiano. Despeço-me, pois junto com Dione temos tarefas a serem cumpridas.

Os três despediram-se e Sávio foi-se apresentar aos responsáveis por aquela escola como um novo aprendiz.

Sávio foi conduzido junto com vários alunos para debaixo de uma grande árvore, onde todos se sentaram sobre a relva. Bem próximo dali, uma belíssima estátua de um centauro parecia observar com curiosidade todos os alunos.

Hipias, pessoa venerável transmitia simpatia e amizade. Dono de uma vasta cultura, era um filósofo nato. Acostumado aos questionamentos filosóficos, impunha respeito aos alunos pela sua sabedoria e principalmente sua experiência de vida. Conquistara valores intelectuais morais e éticos a duras provas e sacrifícios. Em várias experiências reencarnatórias sofreu torturas e até mesmo foi levado a morte por defender idéias que para a época eram muito avançadas e não encontraram nas pessoas maturidade e sensibilidade para compreender seus pensamentos.

Hipias seria a partir daquele dia em diante para aquele grupo de alunos o instrutor, que os conduziria a novos patamares de maturação.

Observando a curiosidade dos alunos para com a formosa e estranha estátua, aproveitou o interesse geral para desenvolver um tema para proveito de todos:

- A mitologia grega está cheia de personagens que incorporam grandes ensinamentos. Vejamos o exemplo que está diante de nossos sentidos. Observem a estátua do centauro Quiron. Ele tem o corpo de um animal e a cabeça de um ser humano. Representa o predomínio da razão sobre o instinto.

“Evidentemente a parte animal representando o instinto e as paixões, e a cabeça humana representando a razão, o controle sobre os instintos. Representa desta forma o homem ainda em transição do instinto para a razão”.

“Em várias situações as paixões tomam as rédeas e o governo da situação. Podemos comparar ao animal que toma a condução da direção. Com isso levando o ser humano a situações difíceis. As paixões são úteis quando governadas, mas perigosas quando governam. É necessária maturidade para que o ser humano tenha controle sobre as paixões. Em relação ao enfoque instinto e razão, vou usar o que um de nossos alunos escreveu sobre o tema. Vamos a ele”:

Instinto e Razão

Instinto muitas das vezes
é o mais seguro condutor do ser,
com mais acerto e precisão do que a razão.
Instinto é inteligência conquistada.
De tão experimentada, ficou automatizada
no inconsciente do ser.
É um seguro orientador,
muito mais que a razão,
pois são situações testadas,
estão arquivadas,
prontas para reviverem.
A razão é o conjunto de experiências recentes,
está no consciente,
não foram testadas devidamente,
tão logo se automatizar
passará ao inconsciente.
Instinto é inteligência automatizada.
Razão; inteligência não solidificada,
esperando oportunidades para ser
experimentada.”

Depois de esperar algum tempo para que os alunos pudessem meditar sobre o tema, Hípias voltou a outros temas importantes. Ao entardecer deu como terminadas as lições do dia.

Sávio ao chegar em casa teve a grata surpresa de ser recepcionado por Polus e Dione. Empolgado como a criança cheia de novidades, passou a narrar os temas vistos durante o dia. Conversaram longo tempo sobre diversos assuntos, até que Polus convidou Dione e Sávio a sentarem no jardim.

A noite estava magnífica. Os pontos de luzes das estrelas estavam maiores e mais luminosos. Pareciam que estavam sendo ampliados por lentes de uma luneta gigantesca.

Polus após mostrar várias estrelas e constelações aos companheiros, e curiosidades sobre as mesmas, explicou em seguida a Sávio e Dione o motivo de sua permanência mais dilatada ali com eles:

- Gostaria de estreitar os laços que nos unem. Contarei mais uma experiência de vida que nos uniu. Dione também estava presente como personagem importante dentro da narração que vou iniciar:

“Descendia eu de família rica e com títulos de nobreza. Herdara uma propriedade belíssima de meu pai. Era uma construção erguida em uma colina. Fora feita para proteger seus moradores. Muralhas altíssimas feitas de pedras de granito, impunha respeito e admiração. Em toda a extensão da construção podia ser visto seteiras, onde hábeis arqueiros vigiavam atentos toda a redondeza. Ao norte, oeste e sul, uma extensa planície verdejante ia até o horizonte.

“A leste da colina onde estava situado o castelo, terminava abruptamente em um abismo até encontrar as águas revoltas do mar azul e imenso. Dentro do castelo vamos encontrar uma sala com vasos artisticamente trabalhados, dispostos com harmonia no luxuoso recinto”.

“Causavam admiração pela beleza dos delicados motivos que hábil e inspirado artista havia composto com sentimento e técnica. Belas cortinas, de aspecto pesado e sóbrio, desciam do teto até o piso em dobras caprichadas e bem elaboradas. O piso, todo coberto por riquíssimos tapetes vindos de bem longe no oriente, completava harmoniosamente a atmosfera de mil e uma noites.

“Repentinamente, abrindo uma porta toda cravejada de metais reluzentes, uma figura altiva observa com minúcias aquele aposento precioso e repentinamente apresenta alteração fisionômica de interrogação. Procura algo com mais atenção. Depois de uma busca infrutífera chama com carinho um novo personagem:

- Baruk! Onde está a chave, pensei tê-la deixado aqui neste salão?

Entrando no recinto, pois permanecera calado do lado de fora, responde Baruk a indagação:

- Meu pai, tenho certeza que vi esta chave hoje pela manhã sobre a mesa de laca que feio de Zipango.

- Meu filho! Procure com mais atenção e logo após encontre-se comigo na ala norte junto a seteira.

Meia hora de procura, e Baruk dá por encerrada a busca quando encontra a chave com Tork, o cão de estimação de Erik, que estava brincando com a mesma. Baruk avança a passos largos até junto as seteiras ao encontro do Erik.

- Meu pai, encontrei a chave. Tork brincava com ela.

“Erik caminha em silêncio seguido por Baruk até ao final de um corredor onde cada vez mais ia se estreitando, indo terminar em uma parede que barrava os passos destes personagens. Erik introduz a chave que havia sido perdida numa pequena fenda. Girando várias vezes, destrava o

mecanismo fazendo ranger os gonzos. A porta estava quase invisível. Se não fosse observada com atenção, nada seria visto no local, a não ser uma rua sem qualquer atrativo.

“Mais alguns passos e eles entram em um salão parcamente iluminado.

- Baruk! Aumente a iluminação. Traga-me o livro de capa de couro verde. Acenda o fogo, pois aqui está muito frio. Está parecendo um túmulo.

Baruk cumpre as ordens sem demora, colocando o livro pedido em frente a Erik.

O lorde folheia pensativo aquele magnífico livro já bem envelhecido e muito manuseado. Olha com interesse, quase com adoração as páginas belamente manuscritas e primorosamente decoradas. Com deleite lê em voz alta o título da obra: “Ética a Nicômaco – Aristóteles”. Como por um passe de mágica, Erik induzido pelo título, faz uma viagem mental retrocedendo a Grécia antiga:

“O mercado atulhado de mercadorias espalhadas por toda parte disputava espaço com mercadorias, escravos, gente do povo e soldados que tudo observavam indiferentes”.

O sol quase a pino tostava os corpos daqueles que na faina do ganha-pão apregoavam suas mercadorias. Ao longo da costa, navios mercantes partiam ao encontro de mares profundos. No porto escravos atarefados descarregavam mercadorias em meio a uma tal balbúrdia de sons que irritavam os ouvidos. A cantilena dos vendedores de peixes apregoando suas mercadorias, misturavam-se aos gritos dos comerciantes de azeite e vinho para atrair fregueses.

Cheiros exóticos de ervas vindas dos confins da Magna Grécia, espalhavam seus aromas disfarçando um pouco o odor marinho exalado dos peixes e frutos do mar. Em um canto pilhas de sardinhas, atum e enguias se contorciam em espasmos agoniados.

Destacando imponente e bela a arquitetura grega com seus edifícios quadrados cheios de colunas, nos estilos dórico, jônico e coríntio. Navios de cargas aproximavam - se do cais com seus porões abarrotados de mercadorias vindas de todas as partes do mundo grego.

Desde a distante Tróia, da ilha de Creta, de Cnossos, do Peloponeso, Messena e Esparta, Erétria, Teas, Megara, Corinto, Mecenas, Argos e Tirinto, prometendo aumentar mais a anarquia naquele porto.

Lá está o teatro grego com atores representando peças dos gêneros tragédia e comédia, dos autores Ésquilo (Prometeu Acorrentado), Sófocles (Édipo rei, Antígona), Eurípides (Medeia), Alceste e Aristófanes (as nuvens).

Imponente dominando toda a cidade, o templo de Palas Atenas. Mais abaixo o Templo de Zeus, Ares e Hera. Erik dando asas ao pensamento contempla Sócrates no meio do povo interrogando os transeuntes com a Maiêutica. Um pouco mais e lá está Aristóteles cercado de discípulos caminhando entre as árvores frondosas instruindo com seu modo todo particular, pois ficou conhecido como o filósofo peripatético, já que tinha o hábito de ensinar caminhando com seus discípulos...”

O crepitar do fogo desperta Erik desta viagem à formosa Grécia e volta a atenção para a “Ética a Nicômaco” de Aristóteles.

Baruk, curioso por descobrir o motivo pelo qual aquele livro de capa verde atraía tanto o interesse do pai, quebra o silêncio entre ambos e pergunta:

- Meu pai! Vejo o envolvimento que tens em colecionar e estudar as centenas de manuscritos deste salão. E o interesse constante por este livro de capa verde. O que ele contém? Será o segredo da eterna juventude? Como vencer a morte? Ou a fórmula da pedra filosofal?

Erik olha com carinho para aquela pessoa tão especial. Chama Baruk para mais perto, oferece assento à seu lado. Sonda calado um pouco mais o filho a fim de verificar até onde ia a curiosidade do mesmo. Enfim decide começar:

- Especificamente este livro em frente, meu caro filho, trata-se da “Ética a Nicômaco” de Aristóteles.

“Necessário antes de conhecer a “Ética a Nicômaco” conhecer o grande filósofo Aristóteles que é o autor desta ética.

“Filho de Nicômaco, médico do rei Amintas, pai de Felipe II da Macedônia, nasceu Aristóteles em Estagira, na Trácia em 384 antes de Cristo. Jovem ainda, foi para Atenas, onde por vinte anos (367 – 347) ouviu as lições de Platão. Retirou-se após a morte deste, para a ilha de Lesbos, onde pouco se demorou. Convidado por Felipe II para preceptor de Alexandre, passou a residir na corte macedônica até 334, o mesmo ano em que o grande conquistador empreendeu a expedição ao oriente.

“Aristóteles veio então estabelecer-se em Atenas, começando a ensinar perto do Templo de Apolo Lício. Daí o nome Liceu dado a sua escola, também chamada de peripatética, do costume por ele observado de dar lições em amena palestra, passeando nos umbrosos caminhos do ginásio de Apolo. Morto Alexandre, Aristóteles, mal visto pelos atenienses, retirou-se para a Euléia, afim, dizia ele, de “lhes poupar a vergonha de um novo atentado contra a filosofia”

“Faleceu em 322 com 62 anos de idade. Aristóteles assimilou todos os conhecimentos anteriores e acrescentou-lhes o próprio trabalho, fruto de muita observação e de profunda meditação. Escreveu sobre todas as ciências, constituindo algumas desde os primeiros fundamentos, organizando outras em corpos coerentes de doutrinas, sobre todas espalhando as luzes de sua admirável inteligência”.

“Não lhe faltou nenhum dos dotes e requisitos que constituem o verdadeiro filósofo: profundidade e firmeza de inteligência, agudeza de penetração e invenção em aliança com vasta erudição histórica e universalidade de conhecimentos. A partir de declaração do próprio Aristóteles, sabe-se que ele realizou dois tipos de composição: as endereçadas ao grande público, e os escritos ditos filosóficos ou científicos, que eram lições destinadas aos alunos do Liceu. Estas últimas foram as únicas que se conservaram, embora constituam pequena parcela do total que é atribuído, desde a Antigüidade, a Aristóteles.

“As obras esotéricas eram freqüentemente diálogos, imitados de Platão. Delas restaram apenas fragmentos conservados por diversos autores ou referidos em obras de escritores antigos”.

“De dois desses diálogos, ambos escritos enquanto Platão ainda vivia, ficaram vestígios mais ponderáveis: do Eudemo que, a semelhança do Fédon de Platão, tratava da imortalidade da alma e de Protético, um elogio da vida contemplativa, e um convite a filosofia. Protótipo de espécie de obra que se tornou muito apreciada pelos antigos, esse diálogo foi mais tarde imitado por Cícero, no seu Hortensius, a obra que despertará a vocação filosófica de Santo Agostinho. Durante sua permanência em Assos, Aristóteles escreveu o diálogo sobre a filosofia, no qual combate a teoria platônica dos números ideais...”

Neste instante, o assunto foi interrompido por passos vindos de fora do recinto.

- Baruk! Baruk! Você está aí?

- Meu pai, é Penélope, ela está no corredor. Tork está com ela também, ouço seus latidos.

- Vá, meu filho, traga Penélope até aqui.

Baruk abre a porta. Uma figura delicada e meiga está diante dele. Beija-o no rosto, toma-lhe a mão e caminham juntos até Erik. Tork todo festivo corre por todo o aposento fazendo

reconhecimento do mesmo. Após percorrê-lo deita sobre uma felpuda pele de carneiro junto a lareira e aquieta-se. Penélope graciosamente faz uma mesura diante de Erik e beija-lhe a mão.

- Minha querida – diz Erik – Sente-se e estude conosco.

Baruk não cabia em si de contentamento. Olhava com adoração aquela meiga criatura alta e esguia, de pele clara, cabelos de tom brilhante e muito loura. Os olhos azuis intensos, parecia uma fada que naquele instante ali materializara. Penélope era filha única de um nobre arruinado. Órfã de pai e mãe desde a mais tenra idade, foi morar com Erik e Baruk na imensa propriedade. Os laços fortes de amizade entre Erik e o pai de Penélope fizeram com que adotasse aquela criança após a orfandade. A mãe de Baruk ao dar a luz ao filho, não resistiu as complicações após um parto difícil, desencarnando em seguida. Erik se viu sozinho na criação do filho. Penélope foi o anjo enviado por Deus. Trouxe à nova família conforto e paz. Eram felizes. Almas sintonizadas nos estudos e moralmente afins. Viviam em harmonia, respeito e fraternidade.

Muitas vezes os três faziam longos passeios pela região observando fauna e flora. Discutiam e trocavam idéias sobre as observações anotadas, avançando os debates até altas horas da noite. Eram criaturas afinadas com a necessidade do conhecer. Todos os mínimos fatos eram motivos de aprofundados estudos e análise. A sabedoria de Erik, junto com a curiosidade intensa de Baruk, eram temperadas com a ponderação de Penélope. Quando estavam juntos esqueciam do tempo. Muitas vezes não notavam o avanço das horas. Envolviam-se tanto com as tarefas que esqueciam-se mesmo de se alimentar. Desta forma os dias, meses e anos transcorriam céleres e felizes para os três...

Baruk toma a palavra:

- Meu pai, continue a falar de Aristóteles, por favor.

- Onde paramos, filho?

- O senhor parou quando narrava da permanência de Aristóteles em Assos, quando escreveu o diálogo sobre a Filosofia, combatendo a teoria platônica das idéias das teorias dos números ideais.

- Nesta obra – retomou Erik – o filósofo apresenta uma concepção cosmológica de cunho finalista e teológico. As obras de Aristóteles chamadas de acromáticas, ou seja, compostas para um auditório de discípulos, apresentam-se sob a forma de pequenos tratados, muitos dos quais reunidos sob um título comum (como é o caso da Física)

“O corpus aristotelicum apresenta diversas obras sobre o estudo da natureza.

“A Física, que examina conceitos gerais relativos ao mundo físico; sobre o céu (De Coelo) e sobre a geração e corrupção (De Generatione et Corruptione), estudos sobre o mundo sideral e o sublunar; finalmente os Meteorológicos, relativos aos fenômenos atmosféricos. O tratado da alma (De Anima) abre a série de obras referentes ao mundo vivo, sendo seguido de pequenos tratados sobre diferentes funções (a sensação, a memória, a respiração, etc.) conhecida sob a denominação latina posterior de Parva Naturalia”.

“A obra principal é a História dos animais, contendo o registro de múltiplas e minuciosas observações. A seqüência de obras dedicadas a filosofia teórica ou especulativa é encerrada por catorze livros sobre a filosofia primeira, ou seja, sobre os primeiros princípios e as primeiras causas de toda realidade. Situados após os tratados relativos ao mundo físico, esses tratados receberam a designação geral de Metafísica, questões referentes a um plano da realidade situado além do mundo físico.

“Depois da filosofia teórica seguem-se, no corpus aristotelicum, as obras da filosofia prática; a ética e a política. Das várias versões existentes da ética aristotélica, a principal é a Ética a Nicômaco, assim chamada porque o filho de Aristóteles foi quem primeiro a editou.

“A obra denominada Política é na verdade um conjunto de oito livros que não apresentam encadernamento rigorosos”.

“À Política segue-se a Retórica que é a arte da argumentação ou dialética exposta nos tópicos (organon). Por fim, o corpus aristotelicum apresenta a poética, da qual restou apenas fragmentos.”

Após uma longa pausa, Penélope quebra o silêncio e comenta:

- Observando a natureza encontramos as plantas que crescem fortes e saudáveis em terreno próprio a cada espécie. Encontramos aves e animais que buscam o melhor para si e para os seus. Vão em busca do melhor alimento, do melhor local para fazerem seus ninhos e tocas. Podemos observar a satisfação de um animal, de uma ave quando estão gratificados em suas necessidades básicas. Não seria esta satisfação o que entendemos por felicidade nos reinos inferiores da natureza?

Erik neste instante pede a palavra e continua a observação:

- Meus filhos, concordo com Penélope. Guardando as devidas proporções considero entre os animais a satisfação como felicidade. Mas, o que significa felicidade?

Baruk responde a indagação do pai:

- Meu pai, entendo a felicidade como qualidade ou estado feliz. Dentro de meu ponto de vista vejo como bom êxito, sucesso.

Penélope continua a definição de Baruk após um pequeno intervalo feito por ele.

- Defino ser feliz por ditoso, afortunado, alegre, contente, bem-sucedido.

- Sim, meus filhos – disse Erik – Também vejo assim, mas o assunto felicidade é bem mais profundo e vasto. Vejam o comentário inicial de Penélope. Todo ser na natureza busca o melhor para si e os seus. Imaginem entre os homens!!! Não só a satisfação básica faz a felicidade. No reino hominal crescem muito as nuances do que é ser feliz. Entra aí o campo das emoções do pensar, da moral e da ética. Entre os homens o bem estar é um desejo natural. Se observarmos com mais sutileza vamos descobrir a lei natural que podemos chamá-la de lei divina; ela indica o caminho para a felicidade do homem.

- Meu pai – intervém Baruk – Chego a conclusão que está na natureza do homem querer ser feliz.

- Realmente meu filho! Concordo com você. O que vocês falaram esclarece bem o nosso tema. Mas o que você definiu como conclusão, eu vejo como o começo deste assunto. Quando se referiu a “está na natureza humana querer ser feliz”, foi e é a meta propulsora do avanço do ser humano.

“A busca de gratificação dos desejos quando atingido causa-lhe um estado de satisfação que cada vez mais procura aprimorar os meios para atingir tal estado. Dependendo do que o ser defina como valores, ele esforça-se para atingi-los, e entra no estado de frustração ou contentamento se atinge ou não seu objetivo. E neste frustrar ou atingir seu objetivo (satisfação, felicidade) o ser vai entendendo por erro e acerto que “a lei natural é a lei divina: ela indica o caminho para a felicidade do mundo”.

“Entre os filósofos foi tema importante a ser tratado. Vamos ao exemplo de Sócrates. Para ele, o saber fundamental é o saber a respeito do homem daí a sua máxima: “Conhece-te a ti mesmo” que se caracteriza por sua vez por este três elementos: 1º) é um conhecimento universalmente válido; 2º) é, antes de tudo, conhecimento moral; 3º) é um conhecimento prático (conhecer para agir retamente).

“A ética socrática é racionalista. Nela encontramos: a) uma concepção do bem (como felicidade da alma); b) a tese da virtude (Arete) capacidade radical e última de homem como conhecimento, e do vício como ignorância, pois segundo Sócrates quem age mal é porque ignora o

bem; por conseguinte, ninguém faz o mal voluntariamente, e c) a tese, de origem sofista, segundo a qual a virtude pode ser transmitida ou ensinada”. Resumindo o pensamento, para Sócrates, bondade, conhecimento e felicidade se entrelaçam estreitamente. O homem age retamente quando conhece o bem e conhecendo-o, não pode deixar de praticá-lo. Por outro lado, aspirando ao bem, sente-se dono de si mesmo e, por conseguinte, é feliz.

“Voltando a Aristóteles que foi discípulo de Platão, sintetizou a escola ética da qual participava, escreve o primeiro tratado específico sobre Ética: “Ética a Nicômaco”. A ética aristotélica, ficou conhecida como ética das virtudes e assim diz:

“...fim último do homem é a felicidade. A felicidade resulta do desenvolvimento harmônico das tendências de um ser. Para alcançar a felicidade o homem usa a razão, a inteligência.

“...e o elemento indispensável para o homem atingi-la é através da virtude, conquista da liberdade sobre os apetites irracionais, submissão da nossa atividade prática aos ditames da razão. Então é para criar o hábito de escolher em tudo o justo meio, evitando assim o extremo como defeito, ambos viciosos...”

Aristóteles esclarece mais sobre a felicidade quando trata sobre o critério para o juízo do valor moral de uma ação que não é dado pela reflexão acerca dos resultados, mas se tal ação tem como característica encaminhar o homem para sua meta suprema a EUDAIMONIA, cuja realização mais alta se encontra na THEORIA ou na contemplação.

Penélope, com um gesto pede a palavra a Erik:

- Mas qual é a concepção de virtude para Aristóteles?

- Minha querida Penélope, a virtude segundo Aristóteles é um estado habitual que dirige a decisão que consiste num justo meio cuja norma é a regra moral. Para Aristóteles a felicidade e a virtude estão em estreita conexão.

Baruk maravilhado com o assunto, indaga cheio de curiosidade:

- Meu pai, por favor fale sobre este justo meio para pautar nossas ações. Dê exemplos do que são os extremos.

- Pois não meu filho, vamos a eles:

“Imaginem um alvo é um arqueiro pronto para atirar sua flecha exatamente no centro”.

Questiono a vocês: É fácil acertar o alvo?

- Baruk responde após um tempo de meditação.

- Não meu pai é fácil errar e difícil acertar, fácil errar o alvo e difícil acertar nele.

- Pois bem meu filho, também é por isso que o excesso e a falta são característica da deficiência moral, e o meio termo é uma característica da excelência moral.

- Penélope pede mais exemplos:

- Meus filhos; a excelência moral então é uma disposição da alma relacionada com a escolha de opções e emoções, disposição esta consistente num meio termo, não se esqueçam que este meio termo é relativo a nós, determinado pela razão, a razão pela qual um homem dotado de discernimento o determinaria.

Trata-se de um estado intermediário, porque nas várias formas de deficiência há falta ou excesso do que é conveniente tanto nas emoções quanto nas ações enquanto a excelência moral encontra e prefere o meio termo.

Vamos então a exemplos mais explícitos:

Imaginemos em um oposto temos o extremo, falta e deficiência moral. Vamos situar neste lado a palavra covardia. No outro extremo temos o oposto da covardia que é temeridade.

Entre os oposto da covardia e temeridade temos o meio termo ou excelência moral que podemos colocar a palavra coragem. Vou deixar bem mais claro; o homem que não se alimenta corretamente está em um extremo que é a falta. Isto prejudicará sua saúde. No outro extremo temos o excesso de alimentação ou seja o exagero no alimentar que por sua vez não é benéfico para o ser humano. Qual seria o meio termo para a nossa correta alimentação. Chegamos a conclusão de que não é o excesso e também a falta do alimento. Mas alimentar nos de forma moderada. Heis então o meio termo que Aristóteles tanto fala, ou seja escolher o meio termo de tudo. E ele diz mais: “É correto então, dizer que é mediante a pratica de atos justos que o homem se torna justo, e é diante da pratica de atos moderados que o homem se torna moderado; sem os praticar ninguém teria se quer remotamente a possibilidade de se tornar-se bom”. – Portanto meus filhos como magistralmente nos ensina Aristóteles, importante é praticar a virtude. Não ficar só na teoria.

- Assim os três durante horas conversaram sobre a ética das virtude, até que Penélope mostrando cansaço e alertando sobre o adiantado da hora deram por encerrado assunto naquele momento e felizes buscaram seus aposentos para algumas horas de sono.

- Naquela época pagava-se um preço muito alto por pensar e ser diferente. A religião predominante tomava todo espaço possível dentro da sociedade. E ai daquele que pensasse diferente da direção que a igreja impunha!

Lembro perfeitamente quando estava na biblioteca preparando uma experiência dentro da alquimia.

A poção fumegava de mansinho. Dentro do cadinho misturas químicas esperavam o orvalho que completaria a formula.

O orvalho colhido durante a madrugada estava sobre a mesa esperando a fervura da poção.

Estava concentrado e tenso, faltava apenas um momento para a conclusão da experiência.

Entre os serviçais do castelo, pessoalmente, desconfiava da fidelidade de alguns deles. Por várias vezes ao dirigir me a biblioteca notei alguém me seguindo. Nunca consegui constatar quem era.

Meu receio era de que fosse denunciado ao santo officio por prática de bruxaria. Obviamente não fazia tal pratica, mas a ignorância da época assim interpretaria minhas experiências no laboratório.

Alertando Baruk e Penélope sobre minhas suspeitas, concordaram com elas. Passamos desde então a ser mais cuidadosos.

Nem por isso diminuimos a frequência dos estudos e experiências. Estava avivando o fogo, esperando a culminância da experiência, heis que barulho ensurdecedor se fez ouvir no corredor.

Repentinamente o serviçal chamado Hur invade o recinto e me aponta com desdém.

- Heis aí,, senhores inquisidores, este é o bruxo.

Cuidado com seus sortilégios. Ele tem parte com o diabo. Como os seus filhos também.

- Dezenas de homens armados e truculentos entraram violentamente na biblioteca provocando quebras e destruição daqueles tesouros. Me espancaram em meio a muitas humilhação. Prenderam Baruk e Penélope, juntos fomos jogados numa masmorra escura e imunda. Inquirições, torturas sem fim durante semanas quebraram a resistência orgânica de Penélope que veio a desencarnar. Logo após Baruk desencarnou. Fiquei só para o martírio da fogueira. Faminto sedento e maltrapilho, ataram-me a um tronco duro e áspero. Queimem o bruxo, gritava a multidão manipulada e inconsciente. Meu corpo doente e fraco não esboçava reações. As chamas crepitaram céleres e atrevidas lambendo minhas feridas. Logo desmaiei em convulsões.

As chamuscas que me queimaram não me incomodaram tanto como a impiedade dos inquisidores. Vejo - os cobertos em seus capuzes e a mente cheia de maldades. Os olhares gelados e expertos destas criaturas foi o que mais me doeu. Sempre peço a Deus para estas personagens bizarras. Que este fato não ocorra mais para a humanidade, e que todos possam, com liberdade expressarem seus pensamentos sem patrulhamento ideológicos.

Polus fez uma pausa, abraçando Sávio e Diane. Olhando carinhosamente para os jovens revela paternalmente; Diane você naquela época era Penélope e Sávio meu querido filho Baruk.

- Diane com os olhos rasos d'água comenta;

- Quando ouvia a narração lembrei de vários fatos ocorridos nesta época. Ao desencarnar minha preocupação maior era receber vocês após o desencarne. Você meu pai foi fácil.

Mas Baruk estava terrivelmente traumatizado, agia como um louco, não registrava minha presença. Depois de meses de vigília ele retomou a lucidez e ao equilíbrio.

- Sávio também revela a Diane e a Polus que se lembrara de apenas uma ocorrência junto a ele também um companheiro de martírio um cristão novo chamado Jodequias Fontes Oliveira, lhe havia narrado sua desdita: - Eu inquisidor mor de Portugal, perante as autoridades da Igreja, condeno o cristão novo Jodequias por ato de judaizar.

Conforme o autos de acusação, foi surpreendido em recinto privado, respeitando o dia de Sábado, com a estrela de Davi sobre o peito e lendo a tora.

Seja trancafiado incomunicável, nas masmorras do convento, os seus familiares presos a ferros. Seus bens transferidos ao clero sem direito o réu a qualquer apelação. – Mas senhor inquisidor Jesus descende de minha raça, sou também filho da tribo de Davi como Jesus também era!!!

Peço misericórdia para minha família que torturas. Peço em nome de Jesus que é só doçura, piedade por meu filho Jonatã que só tem 15 primaveras. Já lhe arrancaram lhe as unhas, queimaram lhe os pé furaram lhe os ouvidos, ele ainda é tão frágil e menino!

Piedade senhor inquisidor!!! A minha doce Mirian!! Que tiraste a virgindade, imploro por piedade, não maculem mais sua dignidade. Sara querida!!! Minha fiel esposa e já tão sofrida!! Por misericórdia inquisidores !! Não abusem mais desta pobre mulher, se vazaram seus lindos olhos e a desacataram como mulher.

- Cortem a língua deste herege, onde se viu pedir perdão se foi você que desrespeitou a igreja e ao clero!! Agradeça-nos pois estamos livrando-o do inferno.

- Dione; Polus; minha lembrança foi narrada desta forma, pois o pobre Jodequias Fontes Oliveira repetiu estes fatos por dezenas de vezes.

Na sua demência ao terminar a narrativa voltava ao começo e reiniciava.

Como era seu companheiro acabei por decorar na íntegra como ele narrava.

- Sávio, lembro de Jodequias, eu o ajudei, conduzindo-o a uma colônia de socorro.

- Interveio Dione.

- Meus filhos graças a deus que os elos estruturados no amor permanecem com laços cada vez mais estreitos pelos séculos afora. Muito me alegro por Ter vocês junto a mim. As experiências que passamos, fortaleceram nossos laços de carinho e fraternidade. – Emocionados os três permaneceram longo tempo lembrando de detalhes da existência referida por Polus.

Dione volta ao assunto da inquisição lembrando mais fatos sobre o assunto.

- No liceu de Sofia, quando estudávamos sobre perseguição da inquisição ocorrida contra Galileu Galilei, fizemos um trabalho de pesquisa que resumimos da seguinte forma:

- Foste denunciado ao tribunal do santo ofício porque divulgaste como verdadeira uma doutrina falsa “que o sol é imóvel no centro do mundo e a terra tem um monumento diurno.” Porque

espalhavas estas falsidade aos teus discípulos, e por divulgar até a Germânia tamanha impostura. Porque sustentaste uma doutrina falsa e contrária as santas escrituras " que o sol é o centro do universo e não se move, que a terra se move e não é o centro do mundo. Condenamos te a prisão; que durante três anos recites os setes salmos a título de penitencia.

- Galileu Galilei! Não fiques tristes,
acharam que condenaram a ti e a ciência,
mas condenaram a eles mesmos a ignorância e a
cegueira. Taparam o sol com a peneira. Contra fatos não há argumentos. A terra move todos
os dias eles descobriram com certeza!

- Polus considerou que diante de tantas revelações o bom senso mostrava que era o suficiente. Deveriam encerrar por ali as lembranças. Seria rico material para meditação e reavaliação para os três durante longo tempo.

E que estas lembranças pudessem fazer desabrochar nos corações dos três o fruto da harmonia e da paz.

Polus encerra a conversa com a seguinte lição. – Meus filhos prestem bem atenção ao que irei contar para finalizar nossas maravilhosas lembranças.

Meditem sobre tudo que foi falado e o que passo a dizer:

Desabrochar, florescer e frutificar

I

Lembro de um fato muito belo,
em que o filósofo em meditação profunda
indagou a um singelo arbusto,
- Fale de Deus harmonioso e justo!?!
Então o humilde vegetal, floriu e deu frutos.

II

Homem! Fale de Deus que é bondade!?
E o ser cheio de vaidade respondeu carrancudo;
não conheço ele é deste mundo?

III

Me conte onde Deus mora.
pois não quero competição
Dois no poder, não me agrada
quero ser só e competente ,
quero reinar sobre gente.

IV

O silêncio se faz profundo
em todos os cantos do mundo
Ele voltou os olhos para si e
Deus estava ali;!!!...

Compreendeu; cresceu; floriu e deu frutos...

- Meus filhos as estrelas já estão se apagando, o sol não tardará a nascer, vamos para nossos lares.

- E lá foram os três abraçados. Presos um ao outro por fortes laços, que ninguém conseguiria desatar porque eram amarras de amor.

Hipias conduz os alunos para o imenso jardim do Liceu. Caminharam por fileiras de árvores de copas frondosas.

Atravessaram um pequeno regato de águas que marulhavam entre pedras brancas. A paisagem bucólica e serena convida a todos a meditação e a prece. Podia se ver nos semblantes dos alunos a felicidade estampada. O lugar sugeria o respeito pela natureza e o agradecimento constante a Deus pela dádiva daquele paraíso.

A cada passo entre os arbustos, artisticamente cuidados uma exclamação de surpresa vinha de cada aluno. O sol a pino clareava fartamente aquele jardim. Nuança de sombras e cores realçados pela luz, tornado um lugar um pedaço do paraíso transplantado para aquele canto de Sofhia. Flores de todas as formas e cores pareciam feitas de névoa, tamanha a delicadeza e textura das mesmas. O perfume que se fazia sentir no ar era de fragrâncias divina.

Hipias chama a atenção dos alunos para o perfume das flores. Convida para cheirar uma espécie parecida com a perpétua de nossos jardins terrestre. Qual foi a surpresa ao inalarem o perfume. Sentiram a suavidade da fragância seguido de um estado de felicidade. Hipias explicou que várias flores ali do jardim ao se sentir o seu perfume, levavam as pessoas ao estado de euforia, de fraternidade, de paz e felicidade. Após vários minutos mostrando as características de várias flores, o dedicado instrutor levou seus alunos para um gramado imenso. Acomodaram-se debaixo de uma árvore frondosa, toda florida, com flores de dezenas de cores espalhadas por toda extensão da copa.

Hipias toma a palavra;

- Meus caros alunos, como havia solicitado trazerem algumas curiosidades sobre o pensamento de filósofos da preferência de cada um, peço a alguém que tome a iniciativa de apresentar o trabalho. Como combinamos deverá ser feita em forma de poesia, quem se candidata?

- Hélios toma a palavra e apresenta seu trabalho: Escolhe para falar de Nietzsche. Não entendia porque era conhecido como o filósofo que matou Deus.

Pelas minhas conclusões penso que ele matou o Deus das religiões tradicionalistas. O Deus secular das instituições humanas. O pensamento de Nietzsche é polêmico e vasto. Mas preferi apenas me ater a este ângulo. Vamos a ele:

Deus está morto.

Sabe Nietzsche!
Seu ato de matar a Deus
foi de uma coragem sem limites.

Por Ter enfrentado inimigos da claridade,
afeitos a ritualismos, poder e materialidade.
Com um tiro certo e fulminante,
atingiu a deus no mesmo instante,
no seu pedestal secular.
Os mofados e embolorados seguidores da entidade,
Quais baratas tontas na repentina claridade,
ajustaram os cacos de deus aqui e acolá,
se lamentando sem saberem o que pensar.
Estavam sem raciocínio transcendente,
que tentaram antropomorficamente
os cacos do Deus unir.
Era tamanha a confusão, que com os cacos
nas mãos choraram em desespero,
sem conseguirem o intento, desamparados e em tormentos , só restava lamentar; lamentar!!!
Lamentar!!!
Sabe Nietzsche?
Quando você apertou o gatilho;
Eu também o ajudei acionar.

O tema exposto foi de proveito geral. Os alunos questionaram bastante. Várias opiniões surgiram entre eles. Hipias conduzia o debate entre os alunos. Convidou outro estudante para apresentar seu trabalho.

Nemésio informa aos companheiros que sua preferência foi conhecer sobre o pensamento de filósofo.

Locke. E que evidentemente dentro de uma pesquisa tão superficial e pequena como a que exporia, não atingiria desta forma toda a extensão do pensamento de Locke.

I

Enquanto não vivemos uma experiência sensorial no mundo, nossa mente é totalmente vazia de conteúdo. Defendia esta visão o sensualista empírico Locke.

II

O peso, forma, número das coisas e movimentos, são qualidades sensoriais primárias. As secundárias; os sons, cores, gosto e cheiro.

III

“ Tabula rasa in qua nil est. scriptum.”

Não há nada na mente que já não tenha passado pelos sentidos.

Pensamentos desconectados com o experimento, são noções falsas, não têm vida, não se sustentam; abortam.

Como era de se esperar todos alunos deram suas opiniões sobre o tema. Horas de debate e dúvidas foram sucedendo. Hípias com maestria conduzia o debate, deixando os alunos chegarem a conclusões pessoais. O instrutor iluminava caminhos, mas não conduzindo os aprendizes para caminhos.

Outro aluno se apresenta para a exposição. Após justificar o seu interesse por Pitágoras expõe sua pesquisa:

Pitágoras

I

Segundo a escola Itálica,
O número é fundamento de tudo,
Princípio essencial,
De que compõe todas as coisas do mundo

II

Deus o número perfeito,
Da qual emanam todos os seres do mundo.
Matemática de prodigiosa harmonia,
sendo o número um onde tudo se inicia.

III

Os corpos são formados por números.
Constam como estes de par e ímpar.
Os infinitos são números pares sempre divididos
Os finitos que se opõe a divisão são ímpares.

IV

O fim último da vida e a suprema felicidade.
É necessário assemelhar-se a divindade.
Para atingi-la somente praticando a virtude,
subordinando o eu inferior do homem,
a natureza superior humana.

A última estrofe do trabalho foi a mais comentada e debatida. Hípias ilumina o tema trazendo experiências reais incentivando os alunos a pensarem com profundidade sobre o assunto.

Por fim apresenta-se Círias centrando seu interesse Shopenhauer .

I

A vontade é a base do sofrimento humano.
O egoísmo é a vontade do ególatra.
É meu, isto me pertence!
Não divido com gente.

II

Tenho receio de pedir
fico aflito com o sinistro
meu coração bate descompassado e forte
tenho medo da morte.

III

Mas quando me disponho a arte,
A felicidade me invade.
O que crio não é só para o meu
Bel-prazer é para a humanidade crescer.

IV

Quando saiu de mim mesmo,
Some a minha personalidade;
Nasce a da humanidade;
Aí sou feliz sem receios.

A filosofia do viver e sofrer de Shopenhauer encontra caminho para enfrentar a dor na contemplação artística – comenta Hipias – Shopenhauer coloca na história da filosofia, a música como a maior entre todas as artes.

“ Não prejudiques pessoa alguma, sê bom com todos”, afirma. Encontra semelhança no evangelho a máxima “ ama a teu próximo como a ti mesmo constituindo o princípio fundamental da conduta....

O debate continuou animado. Hipias esclareceu aos alunos que as pesquisas pedidas foi para mostrar a eles as infinitudes de abordagens que os estudiosos analisam temas importantes para a humanidade. Depois de responder algumas inquirições dos alunos deu por satisfeito com o objetivo alcançado para aquela etapa do dia, dispensando os alunos.

Polus chegara naquele momento de uma excursão a Terra. Os seus superiores havia confiado a missão de assessorar um grupo de estudantes na Terra. O grupo era pequeno. Seus componentes eram ligados por laços de companheirismo e de confiança mútua. Estavam progredindo nos estudos.

Especificamente elegeram a ética como ponto de interesse maior. Polus havia participado junto a eles a poucas horas atrás. A reunião fora frutífera. O trabalho de dois anos de pesquisas, simpósios e debates estava sintetizado em um livro. Os participantes animadíssimos trocavam idéias sobre a capa do livro. Muitas opiniões foram apresentadas. Ao final da reunião, Polus sensibiliza um dos elementos para preparar mentalmente para a comunicação com o outro plano da vida. Daí a pouco todo grupo estava sereno e ligado mentalmente a sugestão de Polus. Criada a sintonia o mentor emite as primeiras palavras saudando a todos. Em seguida tira do fundo do coração uma prece agradecendo ao Mestre Maior por aquela oportunidade de comunicação. Após a oração conversa animadamente com cada elemento incentivando-os ao aprimoramento moral. O fruto do grupo já se materializava na forma de um livro, mas sendo ainda de palavras mortas. O exemplo maior para atingir os corações dos homens não seria simplesmente da teoria, contida no livro e sim a prática dos conceitos daquela obra. Cada elemento do grupo fizesse o compromisso de interiorizar os conceitos grafados e partirem para exemplificação no mundo exterior através da vivência no dia a dia.

Assim, recordando o ocorrido, Polus atravessa o jardim da casa de Dione indo ao encontro dos dois filhos queridos.

Trasímaco Prodicos foi recebido com carinho. Depois de inteira-se sobre as novidades e estudos vivenciados por Sávio naqueles últimos dias faz um convite a Sávio:

- Venho convidá-lo para uma excursão a terra. Dione também irá pois faz parte da assessoria ao grupo de ética situado em Minas Gerais na cidade de Divinópolis. – Sávio exultou com o convite. Não cabia em si de contentamento, já não via a hora da viagem para respirar o clima da terra. Poder sentir o sol daquelas paisagens e saciar a saudade que o visitava constantemente. – Como vai o grupo de ética? Indaga Dione a Polus. – Estão entusiasmados. Hoje estão trabalhando a capa do livro.

- Polus passa a detalhar providências com Dione para a próxima excursão. Vamos encontrar alguns dias depois o trio caminhado por uma via movimentada da cidade. Sávio estava contentíssimo. Aos poucos foi se tornando sério e meditativo. Quando encarnado não conseguia sentir o ar pesado e a atmosfera psíquica emitida pelos transeuntes. Com a nova situação percebia com clareza a emissão de sentimentos das pessoas, raiva, inveja, ciúme, hipocrisia, etc. Muitas pessoas apresentavam aparência honesta e equilibrada. As vibrações registradas por Sávio demonstravam o contrário.

Polus e Dione nada diziam: deixavam que Sávio passasse pela experiência tirando conclusões próprias.

Como era hábito de Sávio, quando encarnado, não resistia a uma banca de revistas. Lia as notícias de jornais à mostra. Folheava revistas e decidia levar algo.

A atual situação apenas lhe permitia ler notícias que estavam a mostra.

Interessado por um artigo, chama Dione para que leia também.

Paraíso Artificial

Inteligência é uma arma fria,
tanto corta como alivia,
quem a usa dia a dia,
tantas guerras promoveu.
Ate no requinte de matar
a tecnologia foi o resultado
a filha que veio gerar.

Metais plásticos e vidros,
sons cibernéticos em meus ouvidos.
- Desculpem a interrupção.
Aqui transmissão via satélite noticia,
mais um rio poluído morreu.
Morreu de esgoto, do delicioso vinhoto
e de metais pesados também.
Não tem problema telespectadores
as indústrias TRVX tem a tecnologia
para este rio salvar.
Faremos suas águas de terebentina
Os peixes de vidro e purpurina
para o pescador fisgar.
Se este peixe como alimento
causar ferimentos nas vísceras,
um novo estômago novinho providenciaremos.
Construiremos de aço
com corrosivos de ácidos
para o peixe digerir.
Agora um lembrete de nossos destruidores;
perdão, digo patrocinadores.
Emoção não gera dinheiro,
expulsemos esta fraqueza
deste mundo de metal e plástico.
Emoção aqui não tem vez.
Mas pensando bem com meus neurônios
de titânio, não se esqueçam , tecnologia
das indústrias TX-PRIA
um coração dentro da maquinaria
para sentir e emocionar,
seria até interessante,
colocar nos reles PYPRA,
água para servirem de lágrimas
para quando quiser chorar.
Quem sabe um pouquinho de amor
nos programas de computador valeria!!!
Até na tecnologia HARD – SOFTWARE
ficaria melhor.
Quem sabe um mundo mais natural
sem tanto artificialismo,
dosada com natureza
talvez ficasse melhor.
Mas deixemos este sentimentalismo barato
voltemos a nossa meditação do dia.
Natureza não é produto de fábrica

Não leva plásticos e nem anilinas
Nem petróleo ou parafinas
portanto não terá vez.
Desculpem a interrupção
voltemos a programação normal
com o filme.
Paraíso Artificial
Este programa tem o patrocínio das
indústrias

Apocalipse Armagedon CIA LTDA.

- A guerra fria acabou. A contaminação da população por radiação atômica proveniente da guerra pelo menos está adiada. Continua a destruição da natureza pela sanha do homem de consumir. A guerra que todos nos fazemos agredindo a natureza não dá tréguas. Cada habitante contribuiu de forma ostensiva poluindo cada palmo de terra com plásticos, lixo, resíduos, tóxicos das indústrias, pesticidas, derrubadas de árvores alterando o clima do planeta. Sem contar com a poluição mental desequilibrada que emitimos em nossa volta em forma de ondas influenciando no humor e saúde psíquica e física de cada um de nós. Os homens de hoje não aprenderam como relacionar consigo e o meio externo a si. – Comenta Dione. Sávio chama a atenção da companheira para outro assunto no jornal.

LIXÃO

Crianças magricelas, de olhos tristes esgazeados.
corpos miúdos mal formados rondam o lixão esfomeadas
a cata de restos de mesas fartas.
Saboreiam algumas gotas de iogurte azedo,
cheio de moscas e varejeiras,
sem se importarem com a sujeira,
querendo apenas se saciarem.
O cheiro nauseabundo ferindo o olfato
de todo mundo. Mas o que fazer compadre
Raimundo, a barriga ronca em desespero!!!
Deixemos a repugnância de lado enchamos
o bucho de comida azeda
Descobri um resto de carne, o cheiro é
desagradável, e tem muita varejeira.
Não se importe não Clarabela
põe a carne na panela
que a fome não espera.
Um recém nascido dormindo
em meio a trapos velhos,
está tão cercado de moscas
e excrementos que não apresenta diferença
com o lixo que a cerca.

Triste da sociedade que chega a este estágio
onde criaturas vivendo de restos de uma sociedade
O lixo; este ambiente insalubre e tétrico
é apenas a materialização externa do lixo
interno que criamos.

As vezes temos mesas fartas,
mas alimentos do lixo mental que
degrada nos chafurdamos nele muitas vezes
com regalo, nos alimentando de lama
como porcos humanos

- Sávio olha para Dione, ambos calados, indignados vão em direção a Polus que os chama.
Pensativos sem emitir qualquer comentário chegam ao endereço em que o grupo de ética faz
as reuniões.

Sendo a primeira vez que Sávio entraria em uma casa espírita, e com tempo disponível, Polus
aproveita para Sávio conhecer o local. Na entrada havia uma biblioteca com centenas de livros a
mostra. A profusão de temas tratados pela obras aumentava a admiração de Sávio, Dione vem em
seu socorro com explicação. A doutrina espírita é abordada em três ângulos: A filosofia, pelo angulo
da ciência e pela moral. Estes aspectos proporcionam assuntos vastíssimos. Os escritores espíritas
têm assim facilidades para escreverem sobre diversos ângulos. Dependendo da afinidade do assunto
que elegem. Muitas são de escritores encarnados. Uma grande parte delas os autores são
desencarnados transmitindo suas obras para o plano denso através do canal proporcionado pela
mediunidade. Desta forma os livros estão a disposição dos habitantes do plano físico.-- Porque o
nome Centro Espírita? Pergunta Sávio demonstrando grande curiosidade.

- Polus responde prontamente. Centro espírita significa ponto de convergência. Local onde se
busca o aprendizado espírita. Imagine uma roda raiada. Todos os raios desta roda saem da periferia
encontrando com outros raios num ponto comum a todos que chamamos de centro. Ou seja um
ponto de convergência.

O centro espírita tem seu estatuto devidamente registrado e inscrito nas repartições
governamentais como é de lei dos encarnados. A casa espírita é a célula base do estudo e da prática
dos princípios doutrinários. Sendo o local onde se ensina e se aprende a teoria e a prática doutrinária.
Nele é oferecido o estudo, seja ele livre ou metodizado. Os portadores das mais diversas
mediunidades aqui recebem orientação teórica para experimentação no campo da prática. Com isso
seus frequentadores são educados com segurança.

Outro ponto interessante da casa Espírita é ser ela um posto de socorro espiritual. Local de
oração. Recanto de paz, acolhendo os desesperados, os angustiados, porque a doutrina espírita tem
mensagem de iluminação e consolo para a humanidade. Respeito ao semelhante, fraternidade,
desinteresse utilitarista trabalho idealista visando a vivência e prática do Amor, na prática da
caridade, exemplificados, por Jesus. Heis ai as características essenciais de todas atividades na casa
espírita. – Polus você fez varias referências sobre mediunidade. O que e mediunidade? – Pois bem
Sávio vamos a definição: -- é a faculdade humana natural pela qual se estabelecem as relações entre
homens e espíritos; é uma espécie de “janela” ou canal de comunicação pela qual o encarnado recebe
influências do mundo invisível.

A mediunidade irá depender da organização física apropriada para que o fenômeno possa
ocorrer.

Você neste instante poderá estar pensando qual a utilidade da mediunidade. Ela tem várias finalidades. Serve de ligação entre os encarnados e desencarnados. Mostra a sobrevivência após a morte. A existência de seres e coisas em uma dimensão diferente da vida do plano físico. Permite pelo intercâmbio com outra dimensão que nos cheguem de lá, mensagens esclarecedoras sobre a vida e o universo. Ajuda-nos a praticar a cura e o alívio de dores físicas e morais de enfermos e desajustados.

- Qual é a definição de médium? Pergunta Sávio.

- Allan Kardec no “O livro dos médiuns” no capítulo XIV apresenta a seguinte definição: “Todo aquele que sente num grau qualquer a influência dos espíritos e por esse fato médium.

E nos apresenta no capítulo XXXII mais uma definição: “Médium, pessoa que pode servir de intermediária entre os Espíritos e os Homens”. Através dos estudos do Livro dos Médiuns observamos que os médiuns podem ser classificados desta forma:

Médiuns de efeitos físicos. O próprio nome já diz, são capazes de produzirem fenômenos materiais tais como, ruídos, movimentos de corpos inertes etc.

Os que se enquadram como médiuns sensitivos ou impressionáveis, são capazes de sentir a presença de Espíritos. Os audientes ou auditivos, são capazes de ouvir a voz dos Espíritos. Os que são videntes possuem a capacidade de ver o mundo espiritual.

Médiuns falantes ou de psicofonia. Estes médiuns recebem comunicações dos Espíritos através da fala.

Também encontraremos os médiuns sonambúlicos ou sonâmbulos. Os com faculdade de curar. Os médiuns psicográficos ou escreventes. É uma série mais de possibilidades de classificação dependente do tipo do fenômeno. Sávio! É importante que se saiba que a prática mediúnica não tem como meta somente a produção de fenômenos físicos para curar enfermidades ou despertar incrédulos.

Acima de tudo devemos tirar uma consequência moral. Ela amplia o nosso conceito de novas vivências do homem após o fenômeno da morte.

A importância da harmonia mental . Da vivência dos conceitos evangélicos de amor, honestidade piedade, fraternidade, solidariedade, etc.

-- Sávio não cabia em si de espanto. Passara tantas vezes diante de uma Casa Espírita e nunca se deu conta do tesouro que tivera oportunidade de conhecer. Dione e Polus levaram Sávio a vários departamentos da casa. Surpresas foram se sucedendo. Nada de velas, estátuas, quadros dos santos, defumadores, vestimentas e cerimônias. Tudo simples funcional e objetivo. A casa espírita mais parecia um colégio. O salão principal onde eram realizados os estudos das reuniões públicas estava repleto de encarnados e desencarnados. Várias salas foram visitadas . Em quase todas elas Sávio pode observar as pessoas estudando, pesquisando, fazendo trabalhos em benefícios de pessoas carentes na comunidade.

Enfim era uma oficina onde as pessoas trabalhavam na construção e conhecimento de si próprias.

A partir daquele instante compreendeu o objetivo da doutrina espírita, o aperfeiçoamento constante do ser humano. Com respeito devido ao conhecimento de causa, entrou na sala onde o grupo se reunia para o estudo da ética. A reunião transcorreu na maior harmonia. O intercâmbio entre os dois planos da vida foi de maior proveito.

Ao terminar, um dos componentes do grupo fez uma oração tirando os sentimentos do fundo do coração, agradecendo a Jesus pela oportunidade de participar da reunião. Nos olhos de todos podia se ver lágrimas de emoção sincera.

Um pouco mais os três partem em direção à Sophia. A volitação estava fácil e tranqüila. Polus aproveita a oportunidade esclarecendo com sua forma clara e objetiva as curiosidades relativa a topografia. Rios e estradas traçavam curvas caprichosas por entre os obstáculos. Devido a altura que estavam, não se observava qualquer presença humana no solo. Mas suas construções lá estavam grandiosas. Barragens imensas dominando e disciplinando águas revoltas. Miríades de pontos geométricos de cores diversas denunciava plantações em vários estágios de maturação. Aos poucos a paisagem foi mudando tornando-se verde e fechada. Era a floresta majestosa, berço de incontáveis vidas, lá estava imensa, grandiosa. Os rios se apresentavam mais volumosos e em maior quantidade. Toda imensidão verde convidava a todos a meditação. Mudaram de altitude viajando um pouco acima das copas das árvores... Profusão de árvores em floração estavam espalhadas por toda região. O perfume proveniente destas árvores estava intenso e delicioso. Insetos aos milhares estavam a procura do néctar das flores.

Bandos imensos de pássaros multicoloridos atraídos pelos insetos circulavam a todo instante por toda a região. O espetáculo era realmente maravilhoso; inesquecível!!!

Volitaram por várias vezes entre os pássaros durante muitos quilômetros. Sávio não cabia em si de admiração. Jamais poderia imaginar voando, ainda mais junto a bando de pássaros em algazarra.

Estava acontecendo era realidade. Um som de motor atraiu a atenção dos três. Era de um barco subindo o rio levando garimpeiros. Polus tomando a iniciativa comenta:

- Infelizmente os homens invadiram esta região derrubando árvores, promovendo queimadas imensas.

Poluem todo o meio ambiente principalmente com mercúrio. Muitos animais já estão contaminados por metais pesados. A ganância por dinheiro fez com que não deixem lugares sem a marca da ganância.

Dentro da floresta mais fechada e impenetrável, a poluição de alguma forma está lá. Vem através dos ventos e chuvas. Aviões queimando combustíveis para o funcionamento de seus motores, passam nas alturas deixando resíduos de suas turbinas espalhados por toda atmosfera, indo aos poucos atingir formas de vida nas árvores, nas águas, nos solos. Muitas já desapareceram sem serem registrados pela ciência. A situação é grave. Necessário que o homem modifique a forma de relacionamento com a natureza. Polus interrompe o comentário. Fica calado meditativo. Diane comenta com Sávio: - alguém está pedindo socorro. Estamos registrando o pedido. Pela oração solicita ajuda para um dos seus familiares. – Sem perda de tempo chegam ao local. As margens de um rio imenso uma construção de madeira assentada sobre palafita abrigava uma família constituída dos pais e cinco filhos. Uma criança de sete anos deitada sobre uma rede estava tendo convulsões.

Os pais sem recursos corretos para a situação da criança, haviam tentado com vários tipos de chás curar a criança sem resultados. A mãe desesperada e impotente diante da estampa de um santo católico pedia socorro. Polus depois de avaliar a situação solicitou para que o dois permanecessem no local enquanto se ausentava. Vinte minutos depois retorna acompanhado de um índio de aspecto formoso.

Avaliou as condições de saúde da criança. Por sua vez por dirigiu para o interior da selva, ao retornar trouxera algumas substâncias extraídas de várias plantas.

Após mistura-las em proporções adequadas aplicou sobre o corpo espiritual da criança.

O efeito não se fez esperar. A substância fora totalmente assimilada pelo garoto. Seu corpo espiritual apresentava - se opaco e foi tornando - se luminoso. Aos poucos estava transferindo a harmonia para o corpo físico. A respiração ficara calma , compassada. Abriu os olhos e chamou pela mãe.

A alegria se fez naquela casa. A mãe não havia visto a presença dos mensageiros no ambiente mas tinha certeza que o pedido feito ao santo de sua fé fora atendido. Ficaram por mais algumas horas no local, até a total convalescença da criança. Aproveitaram o tempo para examinar toda família transmitido energias para toda ela.

Polus na primeira oportunidade apresenta o índio Turumã a Sávio e Dione. Conhecia-o de longo tempo. Sabia que Turumã estava de serviço naquela região. Sabia muitos segredos da floresta, das ervas e plantas curativas. Turumã era a pessoa adequada para resolver aquele caso.

O indígena toma a palavra recordando alguns fatos ocorridos entre ele e Polus. Matando a curiosidade que despertara em Sávio e Dione conta alguns episódios de sua vida. – Me apresento espiritualmente com a aparência de um índio. Nunca tive uma reencarnação como um. Já vivi muito entre eles. Pouco após a descoberta do Brasil, vim até a nova colônia como um militar. Tratávamos os índios como animais. Cheguei a possuir centenas como escravos. Contribuí de forma brutal para dizimar várias etnias de povos indígenas. Jamais um desses seres me fez qualquer mau. No entanto fui o carrasco e destruidor de muitos deles. Reconheci tardiamente a brutalidade em que me envolvia.

Por vários séculos, passei a trabalhar a favor da harmonia e da paz indígena. Aprendi com eles o respeito com a terra, pelos animais, enfim, com toda a natureza. Sinto - me feliz por conviver com eles e ajudá-los em suas necessidades. Como vocês sabem, o corpo espiritual é muito plástico, por esse motivo elegi a aparência de um indígena para me apresentar espiritualmente. Atualmente vejo com grande preocupação a invasão de áreas indígenas por traficantes de drogas que fazem cultivos de plantas alucinógenas em suas terras. A religião predominante, após o descobrimento do Brasil violentou a cultura indígena acabando com suas tradições religiosas. Os invasores sempre se acharam superiores em cultura em relação ao índio. O ideal seria cada qual por seu lado assimilar o que uma cultura tem de bom. O indígena está cheio de fatores positivos que o homem dito civilizado deveria assimilar. No entanto dizimaram estes valores.

Evangélicos no intuito de salvar indígenas chegam em suas aldeias criando entre eles o medo e a desesperança. Há em algumas nações indígenas um alto índice de suicídio pois tiraram sua cultura a própria identidade do índio. Desta forma sem identidade não ficam de pé. Indígenas alcoolizados, tuberculosos, marginalizados encontramos em toda a região do Brasil. Por isso meus amigos, sinto me feliz por viver entre eles, ajuda-los, mas respeitando sua cultura sua identidade. O progresso é importante. A transição é necessária pelo próprio processo natural da evolução. Mas nesses casos há de se ter paciência e esperar para que a transição seja feita de forma suave mas eficiente.

Após uma pausa Turumã examina uma vez mais o garoto, concluindo que tudo estava bem. Convida a todos para visitarem naquele instante uma aldeia indígena ainda no início de processo de aculturação. Polus avalia o tempo disponível até o próximo compromisso e de bom grado aceita o convite para uma rápida visita a aldeia referida. E lá vai pelo espaço a caravana com mais um participante.

A floresta parecia infinita, por todos os lados que fosse observada. Densa imperava majestosa. Diane comenta admirada como o homem conseguia penetrar tão profundamente neste lugar inóspito chegando a atingir lugares muito distantes de qualquer ponto de civilização.

- O homem na ânsia de conquista de riquezas chega a qualquer lugar, não duvides disso – Comenta Turumã – O tempo para a região era de muita chuva. Podia ser notado que grande parte da selva estava alagada, principalmente áreas banhadas por rios igarapés. Estas florestas guardam muitas plantas curativas. Atualmente os grandes laboratórios que fabricam remédios estão levando várias daqui para transformarem em medicamentos para obterem lucros. Os pajés das tribos, dominando o

conhecimento das plantas curativas são abordados por elementos destes grandes laboratórios para extraírem segredos deles. Os indígenas vêm a floresta, com dádiva de Deus para com eles. Lá encontram a alimentação e as plantas necessárias as curas.

O homem dito civilizado vê a floresta apenas o que ela poderá lhe proporcionar de lucro.

Desta forma há diferença muito grande de como o indígena trata a floresta e a relação que o homem tem com ela – Comenta Turumã.

- No meio de uma minúscula clareira surgem algumas ocas indígenas. Eram cinco construções ao todo, abrigando trinta e cinco pessoas entre homens mulheres e crianças. A harmonia, a paz e o respeito era geral. Cada elemento daquela pequena sociedade trabalhava para o bem comum.

Construíam abrigos não para si mas para a comunidade. Buscavam água, caçavam, pescavam, colhiam frutos para toda a sociedade. A amizade e companheirismo era o que mais se via.

- Ninguém está estressado – comenta rindo Sávio. Turumã convida os visitantes para conhecerem Terê, o chefe da aldeia. Encontraram Terê agachado às margens de um rio imenso e manso. Estava preocupado e meditava. Turumã pede a aproximação dos três para mais perto do indígena a fim de entrarem em sintonia com o pensamento de Terê. Embora falasse diferente da língua dos três visitantes puderam compreender perfeitamente os pensamentos do chefe da aldeia. – Tupã criador das águas, das terras, de todas as plantas, dos animais de ar, água ou terra, sempre preservamos este presente em que vivemos nela. Pedimos perdão para o animal que abatemos para matar a fome de nossa gente. Agradecemos pelas terras herdadas dos ancestrais, pelos frutos, aves, rios e peixes.

Amamos a terra como nossa mãe que nos gerou. Temos o respeito o carinho por ela. Não entendemos o porque derrubar as matas, o poluir das fontes e cascatas em busca de um metal amarelo e de pedras coloridas.

O nosso povo não precisa do que os brancos chamam de ouro, pois ela não mata a sede e nem a fome. O branco destrói a floresta que nos sustentam e nos revigora. As pedras bonitas pelas quais os homens se matam, não se comparam as luzes do entardecer e no amanhecer!!!

O que são estas pequenas pedras em comparação com as criações de Tupã!!!

O homem branco está doente. Cobiça objetos insignificantes. Despreza o que há de mais belo para reter ilusões coloridas. Fazem guerras destroem a vida e se dizem superiores a nós e a Tupã!!!...

- Observe o pensamento de Terê. Sentimos suas vibrações e registramos a insegurança no futuro da tribo e da floresta que depende para viver. Um inimigo grandioso foi detectado por ele. O homem e sua ganância. Chegou a conclusão de que o invasor é prepotente e não medira esforços para destruir qualquer barreira que impeça atingir os objetivos. Já chegou até Terê, notícias da ação dos homens em outras aldeias. Após a passagem dos brancos a floresta foi derrubada. Os animais morreram e os índios pereceram de doenças. Os que restaram foram expulsos de suas aldeias. Terê sente-se fragilizado. E está temeroso pela segurança da floresta e de seu povo...

Todo ser humano necessita de segurança. Reconhecer que somos frágeis, é a primeira manifestação de amor a nós mesmos. Não existe o herói invencível, o homem de ferro ou a mulher de aço. Somos feitos de fragilidades. Se apertados sangramos, se falarmos com rudeza machucamos, se não alimentarmos fenecemos se não recebemos carinho morremos.

- Um boto cor-de-rosa pula para fora d'água atraindo a atenção do grupo. Observam o espetáculo da natureza, em silêncio prometem a si mesmos de trabalharem a favor da conservação daquele patrimônio universal contra a ganância de quem planeja a destruição das florestas.

- Hípias constatando estar tudo em ordem, reúne os aprendizes para as últimas orientações – Estaremos de partida em direção a terra daqui a instante. Não usaremos veículos para o trajeto – Utilizaremos obviamente o processo da volitação.

Aprendemos que sem apetrechos a levar, ganharemos mais tempo e agilidade. Os aprendizes do bem deveram estar preparados a todo instante para ajudar em todos os ângulos em que a oportunidade surgir. Como sendo a primeira excursão do grupo fora do âmbito de Sophia, criamos uma infra-estrutura de apoio para qualquer contratempo. Com a experiência que irão adquirir, se tornaram aptos a realizarem individualmente excursões como está sem qualquer aparato.

Solicito atenção, empenho no aprendizado.

Julgo que tal oportunidade será de máxima importância para todos. Sabemos que aulas teóricas são importantes. Se o aprendizado for através da vivência real, a assimilação será maior. Iremos atravessar o espaço cósmico entre Sophia e a terra. Mantenham a calma e a harmonia. Isolem o medo, pois tudo estará sobre controle.

Presenciaremos situações que nos levarão as lágrimas. Prestem atenção aos sentimentos que afloram em cada um. Analisem o impulso que virá automaticamente após cada situação presenciada. – Com estes esclarecimentos colocou-se a disposição dos alunos para mais informações. Vários demonstraram vontade de visitar parentes. Hípias argumenta que o objetivo da viagem descartaria estas visitas, mas que brevemente em outra oportunidade poderiam rever os parentes. Sem mais iniciam a excursão. Em Sophia os astros eram vistos maiores e nítidos do que se fossem observados da terra. Em pleno espaço cósmico eram vistos maiores e mais nítidos ainda.

A emoção visitava a todos. Lágrimas de respeito e agradecimento à Deus pelo que presenciavam, era o sentimento geral. Mais ainda aumentava a pequenês de cada um diante de gigantes como Júpiter, Saturno e o Sol. Ao longe, muito longe à terra em um canto, frágil, delicadíssima, um nada diante de outros vizinhos maiores, atraiu a atenção e o respeito geral. Tão linda e admirável, mais parecia uma pedra preciosa azul sobre veludo negro. – Meu Deus como os homens agridem tanto este ninho de vida, que nos acolhe!!! – Assim era o pensamento de Sávio naquele instante. – Se pudessem ver a terra do ângulo que estava vendo tenho certeza que os homens mudariam de idéia. A terra é muito frágil e não suportará agressões por mais tempo. – Sávio e os companheiros passam a orar a Deus solicitando para o planeta terra a benção e a paz.

Próximo a atmosfera terrestre ainda em pleno espaço vários objetos passavam velozes. Eram lixo espacial. Satélites desativados estavam vagando por todos os lados. Hípias comenta com os alunos até onde os homens conseguiram lançar a poluição. Vários artefatos contiam materiais radiativos podendo ser atraídos pela gravidade e espalhar sua carga mortal pela atmosfera. Os ventos encarregariam de espalhar a radiação por vários continentes prejudicando assim toda a vida na terra. O grupo tomou a direção do Pólo Ártico.

O continente gelado estava majestoso. Blocos imensos de gelo flutuavam ao sabor das correntes marítimas. Sobre um destes, um enorme urso branco descansava preguiçoso. O frio intensíssimo em nada incomodava o formoso animal. A uma distância respeitável, focas observavam nervosas a presença perigosa do carnívoro. A cada movimento mais ostensivo do urso a balbúrdia tomava vulto. Um pouco mais o grupo atingiu o centro do continente gelado.

A brancura argentina do gelo era maculada em vários locais por manchas cinzas. Curiosos verificaram ser a poluição dos países industrializados vagando pela atmosfera atingiam desta forma aquela região e todos os cantos da terra. O silêncio era geral ninguém comentou sobre o fato. Hípias sabia que os alunos entendera o motivo da visita à aquela região, embora sem cidades, aglomeração humana, fabricas de automóveis, lá estava a marca da presença do homem, agredindo e

desrespeitando a natureza. Centenas e milhares de animais apresentavam sintomas graves de mau funcionamento orgânicos devido a poluentes vindos de milhares de quilômetros de distância, principalmente de países industrializados do norte das Américas e da Europa. Hipies deu por finalizado a visita à aquela região. A lição foi clara e eficiente, já era hora de partir.

- O homem na ânsia de possuir agride a si e a natureza. Dezenas e dezenas de anos com a visão cartesiana perdeu a visão do todo. Fracionou seu raciocínio, e não consegue ver as conseqüências de seus atos. Quando o homem faz um programa econômico, visa somente o lucro o poder o dinheiro que obterá. Se faz cego, teimando não ver a poluição que promove. A medicina paliativa que trabalha somente no efeito e não na causa, tornando o ser humano um eterno doente, um inveterado usuário de produtos farmacêuticos e placebos. Desta forma da lucro por que mudar.!!! Viva a ignorância e a alienação.

Assim deve estar pensando os que estão lucrando com isto. – Hipias não havia emitido nenhuma palavra. Mas todos captavam na íntegra o pensamento do instrutor. O grupo voltando a baixa altura sobre a superfície do mar acompanhava um grupo de baleias que estavam em busca de alimento. No horizonte era visto um gigantesco navio pesqueiro vindo em direção aos cetáceos.

Era previsível a seqüência do que aconteceria. Aqueles animais inteligentes sentindo a ameaça, emitiam um canto pungente de alerta a toda vida marinha... O grupo ganhando maior altitude toma o rumo do continente Africano. – Grande parte dos habitantes da África está morrendo de fome. As terras agricultáveis do mundo são suficientes para sustentar o dobro da população mundial. Mas a África está passando fome. Os seus habitantes representam 15% da população mundial. Os famintos deste continente somam 25% dos famintos do mundo.

A fome nesta região do planeta funciona como arma para eliminar uma minoria étnica ou religiosa.

Os países ricos assistem indiferentes a tragédia do continente negro. Segundo as Nações Unidas, bastaria tirar das 225 maiores fortunas do mundo, menos de 4% da riqueza acumulada para dar um basta na fome mundial. A declaração dos direitos humanos é clara: todo homem tem direito à alimentação. – Assim Hipias comentava para seus atentos alunos. – vários países da Europa sugaram o que puderam deste continente através da expansão imperialista. Hoje assistem indiferentes a tragédia Africana sem compaixão.

Não temos nada com isso, devem pensar, mas estão enganados. Grande parte de suas riquezas vieram da África. A pedra que sustenta veneráveis centros de ensinos, hospitais, indústrias e o progresso enfim, foram financiados pelas riquezas tiradas da África. Quantos sofreram a minguada do mínimo necessário para construir a riqueza do continente Europeu.?!!

O quadro que se via em volta era horripilante. Mães carinhosas sustentando nos braços frágeis, esqueletos semivivos de seus filhos. Moscas ativas e gordas passeando por rostos macilentos e ossudos, não eram enxotadas por não haver mais forças dos hospedeiros para espanta-las.

Sem água, sem comida, doentes, famintos esperando a caridade internacional.

Por um motivo vocês estão fazendo esta excursão meus caros alunos, para colherem valores reais do espírito. Os valores que a atual sociedade humana aceita não são justos. Beneficia uma minoria. A maioria é usada e explorada ao extremo. É necessário que os homens adquiram valores, ouros que seja o amor, igualdade, respeito e a fraternidade. Estamos urgentemente necessitados de mudança. Espero que paradigmas humanitários seja assimilados por todos nós.

Assim renovados em nosso íntimo, transformar o mundo para melhor.

Emoções e lágrimas dominava a todos. O momento exigia poucas palavras e muita ação.

Sávio neste instante relembra o Mestre dos Mestres “Meus discípulos serão conhecidos por muito se amarem”. Enxugando as lágrimas que teimavam em não se estacarem, parte junto com os companheiros para consolar os sofredores. Amar como Jesus amou.

Uma grande e poderosa nação da terra foi alvo da próxima visita. A megalópole iluminada em profusão chamou a atenção do grupo. Por extensão de dezenas e dezenas de quilômetros estava espalhada a imensa cidade. Podia ser notada a atmosfera psíquica da maioria de seus habitantes, pois espessa massa escura pairava sobre os bairros provenientes do pensamento emitidos pelos moradores. Logo o grupo sentiu as vibrações de angustias, aflições e ódios ao entrarem em contato com estes pensamentos. As vias congestionadas por milhares de carros disputavam espaço com os transeuntes. Barulhos estridentes de buzinas, motores de varias potenciais, musicas altas agrediam de forma desumana a todos envolvidos naquele ambiente.

Sávio havia morado em cidades com estas características mas não havia percebido o mal que um local com tamanha desarmonia influenciava na saúde física e Espiritual do ser. No ângulo que agora estava podia perceber com bastante clareza a situação encarnada.

Ombreando com os transeuntes o grupo caminhou rumo a um magnífico prédio todo estruturado em aço e vidro fume. Entraram em um imenso salão com uma mesa em proporções fora do comum, sentados em cadeiras mais parecidas com um trono, dois senhores travavam entendimento. Um com ares de dominador e prepotência era proprietário de dezenas de indústrias bélicas. O outro, empresário internacional treinado em criar conflitos a gosto de quem pagasse mais. – Preciso de seus préstimos.

Não há conflitos significativos no mundo para consumir armas de minhas industrias. Necessito vender estoques de canhões, lança mísseis e armas leves. – Sorrindo debochado solicita ao outro ouvinte: - Faça a confusão bem longe de minhas fabricas.

- Hipias comenta com os demais; - Vejam estes senhores, estão combinando conflitos fratricidas na Ásia, no oriente médio e também na África para aumentar a vendas de materiais bélicos das fábricas do homem de terno cinza.

Vários conflitos pelo mundo são arquitetados por poderosos. Significa que a paz no mundo não proporciona entrada de dinheiro em seus cofres. O custo de um tanque de guerra comprado por uma nação daria para construir uma escola e equipá-la com o que há de melhor.

Um exército precisa de centenas deles, e de outras armas com custo semelhante ou maior.

A guerra custa caro a um país. Sem contar o sofrimento o desespero, mortes, tragédias, que são desencadeadas.

Se todo dinheiro gasto em uma semana no mundo para sustentar a maquina de guerra, seria suficiente para cada cidadão do planeta ter moradia, transporte e educação por muito tempo. Na visão do construtor de armas o homem é apenas o meio para atingir a um fim que é o lucro.

Há também a estratégia da banalização da violência, através de filmes, livros, diversões agressivas são desejadas a roldo para consumidores ávido de sangue é ódio.

Cria-se a insensibilização nas criaturas. Desta forma a violência da guerra é aceita como um fato natural. A compra de armas para defesa seja necessária para um país e até o cidadão andar armado e promover “justiça” com as próprias mãos. A violência generalizada e muito lucrativa para a indústria armamentista. A falta de sensibilização de grande parte da humanidade chegou a tal ponto que o sofrimento e a tragédia alheia tornou-se divertimento. Chego a dizer que certas cidades do mundo estão sangrando devido à violência de seus habitantes. Um cadáver encontrado todo crivado de balas em um beco de uma via pública atrai as pessoas não movidas pela fraternidade, a maioria

chega ao local por motivo de curiosidade mórbida. O que esperam ver são as vísceras expostas. O sangue escorrendo pela sarjeta, o membro decepado. Se não for desta forma ficam decepcionados, saem frustrados. Observam a tragédia como uma ocorrência banal, corriqueira, pois esta tão comum o assassinato que ninguém se espanta diante de tantas brutalidades. Se o assassinato e as mutilações corresponde ao esperado saem em disparada alegria, para contar aos outros. Falam do episódio com gosto, descrevem cada ferimento saboreando como se fosse um doce. Mais a frente na primeira moradia caindo aos pedaços, encontramos firme no telhado uma antena de Tv.

O cidadão sentado diante da televisão assiste a um filme de guerra.

O herói guerreiro com os músculos volumosos a mostra opera uma arma com potencial para desintegrar um tanque. Aponta para um frágil ser humano que foge apavorado. Houve-se a explosão. Baque seco, fogo, fumaça, caos, confusão.

O espectador não piscou um olho e divertido aplaude o feito. Comenta após uma sonora gargalhada, “bicho! Não sobrou nem um fio de bigode do sujeito!...” E digo mais não estou delirando. O mundo está cheio de “vampiros” que não sugam somente o sangue da humanidade. As grandes nações vampirizam sugando a economia de países dependentes, matando seus habitantes lentamente de fome física e do conhecer. Multinacionais vampirizam os recursos naturais, desertificando regiões antes ricas de mananciais. Também o comerciante egoísta sugando a energia do cidadão ao taxar mercadorias a preços indecentes, lapidando a economia popular, deixando o povo anêmico e carente. Sabemos que o parasitismo é uma relação anormal. Em qualquer situação onde um apenas obtém lucro havemos de concordar que somos então uma vampiresca criatura.

- Muitos lugares foram visitados. As lições se sucedendo. Oportunidade de trabalho e de assimilação de novos valores foram aproveitados com eficiência pelos componentes do grupo.

Mas um fato estava mais do que claro.

A humanidade necessita de transformação urgente. A fraternidade, a harmonia deve ser a tônica do dia a dia.

2ª Parte - Novos Paradigmas

Paradigmas

I

Mudanças, novos paradigmas,
insegurança, troca de valores,
tensões, novas regras,
diferentes direções.

II

O horizonte não é mais o mesmo,
são muitos os segredos,
ainda predomina o medo
na nova situação.

III

A rotina que se segue
tem um estranho poder
põem em debandada visões velhas,
fortalecendo na base o ser.
Quinquilharias mofo e poeiras
só resta nas lembranças
daqueles que querem retroceder.

A nova Jerusalém

“E levou-me em espírito a um grande e alto monte, e mostrou-me a grande cidade, a Santa Jerusalém, que Deus descia do céu. E tinha a gloria de Deus; e a sua luz era semelhante a uma pedra preciosíssima como a pedra de Jaspe, como o cristal resplandecente.”

Apocalipse 21: 10 – 11

Os novos céus e a nova terra

“E vi um novo céu, e uma nova terra. Por que já o primeiro céu e a primeira terra passaram, e o mar já não existe. E eu João, vi a Santa cidade, a nova Jerusalém, que de Deus descia do céu, adereçada como uma esposa ataviada para o seu marido.”

Apocalipse 21: 1e2

A nova geração

“Para que os homens sejam felizes sobre a terra, é necessário que ela seja povoada apenas por bons espíritos encarnados e desencarnados, que apenas queiram o bem...”

A Gênese – Allan Kardec

Protínios governador de Sophia, tendo importante assunto de interesse geral, solicita a atenção de todos os habitantes da cidade espiritual.

Polus Dione e Sávio esperavam o momento de ouvirem Protínios através de aparelho semelhante a nossa Tv que estava instalado na biblioteca da casa de Dione.

Os três sabiam da importância do fato, pois o governador lançava mão de tal aparato somente em casos realmente necessários.

No momento certo a imagem de Protínios apareceu na tela do aparelho. Após uma sentida oração solicitando as bênçãos de Jesus para todos os habitantes de Sophia.

- Meus amados companheiros de jornada espiritual, trago importante convite do Mestre Jesus a todos corações que procuram a cada dia aprimorar nas tarefas do bem. Necessário antes que entremos na culminância do assunto lembrar de pioneiros que semearam o amor nos campos ressequidos dos corações dos homens.

Estas criaturas através dos tempos trouxeram mensagens de harmonia e paz. Irrisória quantidade de homens conseguiram o mínimo de aprendizado destas lições que até hoje repercute para aqueles que buscam beber destas fontes.

Lembro com carinho imenso do sábio e inspirado faraó Akhnaton.

Nesta época me chamava Nakar, fui partidário e colaborador de Akhnaton e Nefertite.

Akhnaton espírito de escol veio preparar os caminhos do monoteísmo. Este faraó sensível empreendeu a seu tempo uma revolução espiritual. Foi ele o primeiro homem a proclamar a existência de Deus, sem forma humana, situado acima de todas as formas, bom e compassivo, e único dispensador de vida e felicidade a todos os seres.

Acreditando no amor universal de Deus proclamava a fraternidade universal, e recusava fazer guerras.

Desencarnou em 1358 antes do nascimento do nosso Mestre maior Jesus. Sua doutrina não se havia expandido muito pois era demais elevada para o povo. Ressoa forte e límpido os ensinamentos de Akhnaton na acústica de meus registros espirituais. A beleza das lições do conhecer a si mesmo jamais se apagaram dos meus pensamentos ministrados por Akhnaton. A poesia, a beleza, a profundidade dos conceitos que não resisto e passo a recordar:

De Aton para Akhnatom:

“Quando houveres recolhido as sementes, (pois não te dou senão a semente da tua transformação pessoal) e houveres colhido os grãos, retorna ao mundo e cumpri ali a tua missão, até que a terra onde tenha germinado a semente floresça e produza para mim seus frutos. Não pretenda ensinar aos outros antes de haveres, tu mesmo, recebido as sagradas lições para que a teu irmão não ofereças fórmulas vãs. Mas, se no âmago da instrução que te for dada descobrires, por ti mesmo, pérolas de luz, reconhece nisso, que já terás muito que dar e não receies ensinar.”

Vimos que mesmo nos tempos mais recuados da civilização Jesus enviou seus colaboradores para ensinar aos homens lições de transformação de si mesmos e da sociedade.

Ele próprio veio a terra plantar a semente para um mundo melhor.

Encontramos mais adiante no tempo a figura impressionante de Pedro de Vaux, que passou a pregar o Evangelho, desejando retornar à pureza dos primeiros tempos de Cristianismo. Defendia a livre interpretação do Novo Testamento. Foi excomungado pela Igreja e considerado como herege.

Os exemplos de criaturas dedicadas a causa do bem foram as centenas, aos milhares.

Plantava no coração dos homens a harmonia o respeito e a fraternidade. Mas o campo não estava adubado suficiente para que a semente germinasse e produzisse frutos. Mas os tempos são chegados para uma intensa adubação.

Allan Kardec trata com maestria deste assunto na obra “A Gênese”. No capítulo XVIII intitulado os “Sinais dos Tempos” discorre que, “ os tempos marcados por Deus são chegados, dizem-nos de todos os lados em que grandes acontecimentos vão se realizar para a regeneração da humanidade”. Na terra como tudo que existe são afetados pela lei do progresso.

O nosso globo já permite ser habitável por seres mais aperfeiçoados. Pelo abrandamento dos costumes, pelo progresso moral e intelectual que são frutos do trabalho dos pioneiros que aqui vindo prepararam o terreno. Portanto quando a humanidade está madura para franquear um grau, pode-se dizer que os tempos marcados por Deus chegaram.

(...) São chegados os tempos para a maturidade dos frutos e a colheita. Não só o desenvolvimento da inteligência o que os homens necessitam; também de elevar os sentimentos. Necessário, portanto acabar com tudo o que possa excitar o egoísmo e o orgulho.

A humanidade está passando, não por uma mudança parcial; é um movimento universal para o progresso moral. Uma nova ordem de coisas tende a se estabelecer.

(...) A humanidade, tornada adulta, tem novas necessidade, aspirações mais amplas, mais elevadas; ela compreende o vazio das idéias nas quais foi acalentada, a insuficiência das suas instituições, no tocante à sua felicidade; ela não encontra no estado de coisas legítimas cujo apelo sente, e por isso que deixa circuito infantil e se lança, impelida por uma força irresistível, em direção a praias desconhecidas a descoberta de novos horizontes menos estreitos.(...)

A fraternidade deverá ser o alicerce desta nova era. Somente o progresso moral pode encontrar a felicidade, e promover a concórdia entre todos os homens e as nações.

Para que a humanidade possa ser feliz, e necessário que a terra seja habitada por criaturas de condições morais boas e que desejem o bem.

A nova geração não será composta somente de espíritos superiores, também daqueles que tendo progredido, tenham condições de assimilar idéias progressivas.

Espíritos refratários ao bem serão excluídos da terra, pois se permanecerem trariam novamente perturbações e confusão e seriam um obstáculo ao progresso. – Protínios faz um pequeno interregno para entrar no cerne do assunto.

- Varias colônias superiores há três décadas enviam para o reencarne espíritos preparados para aplinar o reencarne daqueles que constituíram a “Nova Geração” a que refere Allan Kardec.

É com emoção indizível que transmito o recado vindo de esfera superior. Todos os habitantes de Sophia estão convidados a reencarnar o mais breve possível para constituir a “Nova Geração” que promoverá a implantação definitiva de amor na terra.

Dois terços dos habitantes de Sophia reencarnarão, e os restantes ficaram na retaguarda para apoiar os que estarão na linha de frente. E com o tempo os que forem retornando da tarefa, permitirão a troca de posição com os que ficaram.

- Protínios ao terminar o convite, estava com os olhos rasos d'água. Emocionado solicita aos habitantes que entrem em contato com a administração da cidade para organização do plano de reencarne. Após, orar com carinho, agradece a Jesus a oportunidade do trabalho que todos os habitante de Sophia teriam para implantação de uma nova era...

Como todos de Sophia, Sávio, Dione e Polus exultavam jubilosos pela maravilhosa notícia. Abraçavam-se emocionados.

Os três imediatamente dirigiram ao departamento administrativo da cidade.

O local estava bastante movimentado. A eficiência, a organização era a tônica, como tudo em Sophia. Não havia a burocracia como vemos nas repartições terrenas. Em pouco instante estavam de posse do plano reencarnatório. Os habitantes da ordeira comunidade possuíam em sua memórias madureza suficiente para traçarem os planos para reencarnarem com a maior eficiência possível. Devido a natureza coletiva da tarefa, a abrangência planetária a ser atingida, o projeto reencarnatório foi elaborado nos seus mínimos detalhes, por espíritos de altíssima hierarquia.

Emocionados os três foram conhecer a tarefa que caberia a cada um.

Sávio e Dione reencarnarão com intervalo de poucos dias entre eles.

Serão marido e mulher. Nascerão e trabalharão nas Minas Gerais. Polus seguirá posteriormente como filho dos dois. Devido a condição de maturação espiritual superior a Sávio e Dione, Polus desenvolverá uma missão de maior importância. Seguirá vinte e cinco anos após o reencarne dos dois. O futuro casal ainda permanecerá em Sophia por dez anos se preparando.

Dione radiante de felicidade não cabia em si de contentamento. Estaria em tarefa para implantação de uma humanidade melhor. Juntamente com o ser amado a oportunidade de ser mãe. Sávio abraçando Dione com muita ternura, sussurra palavras de carinho para a amada companheira.

Dione e Sávio partiram alegres juntamente com Polus em direção a um imenso edifício ladeado por lindíssimas colunas jônicas.

O prédio sempre fora usado para o preparo dos candidatos a reencarnação. Em todos os cantos da magnífica edificação estava apinhada de gente, devido ao inusitado reencarne de dois terços dos habitantes de Sophia. O edifício tornara-se pequeno para tanta gente. Devido a eficiência administrativa, todo desenrolar das atividades estava sendo desenvolvidas naturalmente sem qualquer contratempo. Dentro de poucos minutos Dione e Sávio chegam ao local designado para o início do treinamento. Polus despede-se dos dois e dirige a outro recinto também teria os primeiros contatos com o projeto de sua futura reencarnação.

Música suave ressoava pelo ambiente convidando a introspecção e a meditação. Podia ser observado na fisionomia dos presentes a harmonia e a serenidade, tão comuns aos habitantes de Sophia.

Mais acentuados e claros tornavam os sentimentos referidos, devido a influência benéfica proporcionada pela peça musical. Sávio e Dione aproveitavam aquele instante para a oração e a meditação.

Daí a pouco instantes uma entidade que estava sentada um pouco a frente dos dois levanta-se convida a todos os presentes para acompanhá-lo em pensamento a oração que fazia agradecendo a Deus à oportunidade de estarem ali reunidos.

Ao término da prece, apresenta-se a todos. Era Timeu, o orientador e responsável por aquela turma. A alegria espontânea e contagiante do instrutor imediatamente chegou a todos os alunos. A empatia e a amizade sinceras tomou conta de cada um, como se fora solidificada através de anos e anos de convivência. Como de hábito Timeu preferiu levar os alunos para um jardim próximo onde se acomodaram entre árvores e canteiros de flores delicadas e cheirosas. Inspiradíssimo dirige - se aos alunos ;

Na intimidade da matéria na sua estrutura atômica encontramos um fenômeno interessante que os físicos chamam de

“Salto quântico”.

Excitado por energia,
embebido nesta força expansiva,

o elétron recarregado de vida
ganha impulso saltando de nível,
escapando a força central que o
prendia ao antigo orbital.
Em novo campo de ação, o
elétron sendo escravo do patamar
de origem, libera no caminho de volta o quanta
que a nossos olhos humanos, registramos
como emissão de luz.
Temos em nossas vidas também o salto quântico.
Um fenômeno que se conquista através
de nosso aprimoramento durante a evolução.
Quando recebemos as energia das experiências,
soltamos a níveis de vivencia
mais elevadas, nos afastando do orbital inferior.
Emitimos luzes e mais luzes no nosso
dia a dia, sem volta a condição anterior.

Grande parte da humanidade é semelhante ao salto quântico do átomo incentivados por lições de harmonia e exemplos avançados para patamares de maior equilíbrio. Como o nível alcançado solicita constantes provas de desprendimento, renuncia, não tendo estrutura suficiente retorna aos velhos hábitos.

Muitos dizem, eu creio, uma pequena parte declara; estou transformado. Muitos almejam a luz, mas relutam em abandonar as sombras. Não basta simplesmente crer, é necessário perseverar, aperfeiçoar e querer... Vejamos o exemplo do apóstolo Pedro:

...Pedro afasta-se de Roma aguerrida a passos largos pela via Ápia em direção a Campânia. No cérebro fervilhante e excitado revê a prisão dos companheiros amados.

Velabro, Célio, Suburra, Esquilino, Quirinal, Viminal não são mais lugares seguros, também o Palatino, o Aventino e as catacumbas.

- Abjura Cristão?!? Deste carpinteiro que segues!!!. Aceita os deuses do império vê as glórias dos Césares!!!...

- Pedro fixa o horizonte.

Observa a luminosidade que vem ao seu encontro. Concentra-se na aparição de luz. Cheio de espanto exclama; Jesus, Jesus!!!

Raboni, Joshua, onde vais tão triste?

- Vou para novo sacrifício, pois tu foges aos compromissos.

Pedro compreende e chora, dá meia volta e sem demora caminha confiante e ligeiro em direção a capital do império. Rumo ao sacrifício da cruz por amor a humanidade e a Jesus...

...Como vimos Pedro havia atingido seu salto quântico. Estava em seu novo patamar. Em outro nível de compreensão. Diante das dificuldades de se manter na nova base, relutou diante do sacrifício que a nova posição exigia para ser consolidada. Pedro retorna ao patamar anterior.

Diante das lições do Mestre Maior, o apóstolo cria confiança e coragem, retorna ao nível alcançado.

... Muitos dizem que diante da brutalidade do mundo, os que são frágeis fisicamente tem desvantagem na luta. Afirmando que este pensamento é engano. Vamos buscar na história o exemplo do que afirmo. Heis o de Blandina;

...A coragem não se veste de músculos talhados, pela rudeza de exercícios pesados, por medicamentos receitados ou condicionamento físico forçado.

Blandina tão frágil e pequenina, confundiu seus carrascos truculentos com sua resistência Divina. Verdugos musculosos, afeitos a torturas e impiedosos, tremeram diante de sua coragem pacífica por defender a “Boa Nova”.

Atada ao assento em brasa, para satisfazer a sede de crueldade, sofria por amor à humanidade e para despertar a quem isso assistia. Blandina, semente Divina, plantada na secura destes corações de pedra, que deliravam nos espetáculos de sangue no circo da capital do império, através dos séculos se sensibilizaram pelas lições imorredouras da mártir pequenina. Hoje conscientes do amor de Jesus se oferecem em missões sacrificiais por toda terra espelhadas nas lições de Blandina.

- Timeu faz uma pequena pausa. Vários ouvintes emocionados choravam discretos. Eram espectadores que a séculos atrás presenciaram o sacrifício de Blandina. Hoje estavam em Sophia se preparando para seguir o exemplo da mártir pequenina.

- Após uma breve pausa para meditação continua a falar para os alunos:

- “Ave César!! Os que vão morrer por ti o saúdam”. Assim na arena sangrenta onde a impiedade chegava às raias da insanidade, o público aplaude os gladiadores musculosos saudando a César, antes dos combates sangrentos... Mesmo diante de ameaças, inquéritos e prisões, fogueiras, feras, espadas, unhas de ferro em brasa, tenazes, cruces e chanfralhos, flagelações e desencarnações, nada demovia da fraternidade os pioneiros do Cristianismo, na implantação de um novo caminho pavimentado com carinho e amor no meio de tantas maldades.

Como gladiadores do bom combate, lembrando dos combatentes nas festas do circo romano, que cumprimentavam primeiro a César, depois caminhavam para a luta. Hoje saudamos a Jesus.

Ave Cristo!! Os que estão para se envolverem no bom combate saúdam ao Mestre de Luz.

Os pioneiros, na implantação da “Boa Nova” saudavam a Jesus, nos momentos de dificuldade através da oração e partiam ao sacrifício.

Através dos tempos ainda escutam os cumprimentos dos valorosos campeões do bem a Jesus: Ave Cristo nos te saudamos.

Apio Corvino, Irineu, Quinto Varro e Horácio Niger.

Ave Cristo, te Saudamos.

Adreolo, Ferréolo, Ferrúcio, Félix, Valentiniana, Dinócrata e Rufo.

Ave Cristo!!!

Lourenço, Lúcio, Aurélio, Lucano Vestino, Basílio, Aurélio Sofrônio, Blandina e Artêmio Cimbri, Ave Cristo!!!...

...E a lição maior veio com o Mestre dos Mestres.

... Um homem considerado como pacífico. Não comandou exército. Não tinha subalterno, não efetuava prisões.

Ensinava no meio da praça. Falava espargindo luzes. Não temia autoridade se fosse para iluminar caminhos. Expunha-se de peito aberto, não convivia com a escuridão.

Este homem não calava. Seus atos arrastavam multidões e multidões.

O poder instituído da época sentindo incomodado lavrou uma sentença: ...” Padeça de sofrimento pregado a um madeiro, no meio de ladrões.

As poderosas legiões de Roma, com o seu poderio bélico que levava suas águias aos confins do império não obtiveram tantas vitórias.

O sacrificado ficou como um divisor da história, pois o tempo passou a ser marcado, do antes e o depois deste Homem...

...Portanto meus amados companheiros de jornada!

Jesus já lançou as bases onde está sendo construído um novo mundo. Cabe a “Nova Geração” a construção da “Nova Jerusalém” de um “Novo céu e uma nova terra”...

...Espontaneamente todos se levantaram e se abraçaram ternamente.

Dione e Sávio abraçaram-se de forma mais profunda e envolvente.

Emocionados e felizes se beijaram.

Todos aplaudiram o formoso casal, pois eles representavam o início de uma nova era e de uma nova geração.

Fim

Divinópolis 17 de Junho de 2000